UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LIGIA UNGARETTI JESUS

Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade

São Paulo
2015

LIGIA UNGARETTI JESUS

Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Orientação: Prof. Dr. Arley Andriolo

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jesus, Ligia Ungaretti.
Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade / Ligia Ungaretti Jesus; orientador Arley Andriolo. -- São Paulo, 2015.
94 f.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Criatividade 2. Fotografia 3. Psicologia comunitária 4. Psicologia da arte 5. Processos criativos I. Título.

BF408

Nome: JESUS, Ligia Ungaretti
Título: Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro André, por estar ao meu lado com tanto amor e por tantas vezes ouvir e conversar sobre o meu trabalho, sempre me dando força e coragem para continuar.

Aos meus pais, Marcia e Tonico, por apoiarem minhas escolhas e acompanharem meu caminho com tanto zelo e cuidado.

À minha irmã Cecilia, por ajudar com o tratamento de algumas imagens e ser tão querida e parceira nessa vida.

Às minhas amigas: Andréa, por tantas histórias em Paraty e por participar dessa pesquisa com suas fotos; Maria, por abrir meus caminhos de trabalho de campo em Paraty; Mariana, por oferecer suas falas e fotos para essa pesquisa; Renata, por fazer da minha estadia em Paraty um tempo ainda mais gostoso, e Elise, por cada café e conversa que tanto clarearam meus caminhos no mestrado.

Ao Prof. Dr. Arley Andriolo, pela cuidadosa orientação desse trabalho.

Aos membros da banca, Prof. Dra. Carmen Aranha e Prof. Dr. Gustavo Massola, pelas valiosas arguições e sugestões para a continuidade do meu trabalho.

Aos colegas do LAPA (Laboratório de estudos em Psicologia da Arte), por todos os encontros e trocas que deram contexto à pesquisa.

Aos que colaboraram diretamente na criação deste trabalho: Tereza, Joana, Tiago Alvarenga, Cauã Cruz, Raphael Vilamiu, Gonzalo Trama, Fernando Triaca, Lia Lordelo, Pedro, Sol Pedernera, Mariana Kuroyama e Andréa Tolaini.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo auxílio, sem o qual minha trajetória de mestrado seria outra.

RESUMO

JESUS, L. U. **Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty**: fotografias e narrativas de representação da cidade. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Tendo como objetivo geral realizar uma pesquisa visual de forma compartilhada em Paraty, este trabalho abordou diferentes relações entre indivíduo e cidade através de fotografias de acervo pessoal de diferentes perfis encontrados no local: nativos, imigrantes e turistas. Para isso, cada um dos 12 participantes da pesquisa selecionou 12 fotografias de seu acervo pessoal para responder à pergunta "como é a sua Paraty?". A partir dessas fotografias, realizamos as entrevistas, momento em que os participantes discorreram sobre as imagens por eles selecionadas, sempre deixando entrever significados sociais em suas narrativas e evidenciando os processos criativos vividos no contexto da pesquisa. Ao final, formaram-se: a) doze conjuntos de doze fotografias, cada um correspondente a um participante da pesquisa; b) os conjuntos multiautorais, que são compostos por imagens de diferentes participantes, porém, que dialogam entre si. Os procedimentos realizados nesse trabalho, que combinam fotografia de acervo pessoal e narrativa, permitiram a criação coletiva de uma representação fotográfica da cidade Paraty, compartilhada entre pesquisador e pesquisados. Também pudemos nos aproximar de algumas diferenças entre turistas, imigrantes e nativos desta cidade, as quais se revelaram nas imagens trazidas por cada sujeito da pesquisa.

Palavras-chave: Criatividade. Fotografia. Psicologia comunitária. Psicologia da arte. Processos criativos.

ABSTRACT

JESUS, L. U. **A visual and shared research of Paraty**: photographs and narratives of representation of the city. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The broader objective of this work is to conduct a shared visual research in Paraty. To this end we address different relationships between the individual and the city, using photographs from the personal collections of different profiles found in the city: natives, immigrants and tourists. To each of the twelve research participants was asked to select twelve photographs from his personal collection in order to answer the question "What is your Paraty like?". From these photographs we conducted interviews, at which moment the participants talked about the images they had selected, allowing us to glimpse at social meanings in their narratives, and to point out the creative processes experimented in the context of research. By the end we had created: a) twelve sets of twelve photographs each corresponding to their author and research participant; b) multiple author sets, composed of photographs of different authors which, nevertheless, develop a dialogue with each other. The procedures performed in this work, which combine personal collection of photography and narrative, allowed the collective creation of a photographic representation of the city of Paraty, shared between researcher and researched. Furthermore, we were able to approach some of the differences between tourists, immigrants and natives of this city, which are revealed in the images brought by each research subject.

Keywords: Creativity. Photography. Community psychology. Psychology of art. Creative processes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 CONTEXTOS DA PESQUISA 10

2.1 Fotografia e pesquisa em psicologia social 10
2.2 Abordagem fenomenológica do social 15
2.3 Sobre criatividade 17
2.4 Paraty 19
2.4.1 Visão geral 19
2.4.2 Por que Paraty como lugar de pesquisa? 20

3 OBJETIVOS 22

3.1 Geral 22
3.2 Específicos 22
3.3 Métodos e procedimentos da pesquisa 22
3.4 Observação participante 23
3.5 Seleção dos participantes 23
3.6 Apresentação à pesquisa 24
3.7 Envio das fotografias 26
3.8 Entrevista semiaberta 27
3.9 Transcrição das entrevistas 28
3.10 Criação dos conjuntos multiautorais 29

4 RESULTADOS: TEXTO, IMAGEM, ACERVO PESSOAL 30

4.1 Doze conjuntos de doze fotografias 30
4.1.1 Tereza 31
4.1.2 Joana 34
4.1.3 Tiago Alvarenga 37
4.1.4 Cauã da Cruz 40
4.1.5 Raphael Vilamiu 44
4.1.6 Gonzalo Trama 47
4.1.7 Fernando Triaca 50
4.1.8 Lia Lordelo 53
4.1.9 Pedro 56
4.1.10 Sol Pedernera 59
4.1.11 Mariana Kuroyama 62

4.1.12 Andrea Tolaini 65
4.2 Conjuntos multiautorais 68
4.2.1 Referências das imagens nos conjuntos multiautorais 70
4.2.2 Mata e praia 71
4.2.3 Bandeirinhas de decoração 72
4.2.4 Centro Histórico de Paraty 73
4.2.5 Cheia no Centro Histórico de Paraty 74
4.2.6 Horizontes 75
4.2.7 *Zooms* da natureza 76
4.2.8 Imagens do próprio participante 77
4.2.9 Familiares 78
4.2.10 Locais de trabalho 79
4.2.11 Espaços de trabalho de duas mulheres paratyenses 80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 81
6 BIBLIOGRAFIA 87
7 ANEXOS 90
7.1 Ficha catalográfica 90
7.2 Roteiro de Entrevista 90
7.3 Consentimento informado para participar da pesquisa - com anonimato 91
7.4 Consentimento informado para participar da pesquisa - sem anonimato 93

1 INTRODUÇÃO

Estar na cidade de Paraty é, em si, uma experiência estética repleta de elementos e significados. Não só pela quantidade de trabalhos que estão em exposição em galerias, lojas e barraquinhas, mas também pelo cenário da própria cidade. Andar pelas ruas do centro histórico e descobrir a Igreja de Santa Rita, caminhar até a praia do Jabaquara ou comer um lanche no Pontal: tudo isso acontece em meio a uma atmosfera de luzes e cores que formam um contexto no qual você mesmo é parte da composição final. Para nos aproximarmos desse fenômeno que é a cidade de Paraty, escolhemos fazer uso da entrevista semiaberta em combinação com fotografias. Ao todo, foram 12 pessoas entrevistadas, e cada uma delas selecionou de seu acervo pessoal 12 fotografias em resposta à pergunta “Como é a sua Paraty?”. Ao final do trabalho de campo, reunimos 12 entrevistas e 144 fotografias oferecidas pelos participantes.

Frente a frente com esse material, vimos emergir duas formas finais: doze conjuntos de doze fotografias (p. 30), sendo cada um deles correspondente a um dos participantes da pesquisa; e os conjuntos multiautorais (p. 68), que são seleções de parte das imagens que formam uma unidade em si, seja em função da linguagem estética usada ou do tema retratado. Essas formas finais são o resultado visual desse trabalho.

Assim, construímos de forma compartilhada uma pesquisa visual de Paraty, cuja realização levou cada um dos sujeitos envolvidos a acessar sua própria força criativa e refletir sobre sua própria relação com a cidade, o que forneceu o substrato para esta dissertação de mestrado.

2 CONTEXTOS DA PESQUISA

2.1 Fotografia e pesquisa em psicologia social

Como justificar a combinação da fotografia com a pesquisa em psicologia social? Alguns estudos já foram realizados neste contexto, e é a partir desses que fundamentamos nossa escolha em fazer uso da fotografia nesse trabalho. Para isso, apresentamos aqui alguns relatos e reflexões acerca do uso da fotografia na psicologia social. A incursão nesse campo foi maior do que esperávamos, por isso, restringimos o capítulo a seguir a colocações acerca de pesquisas qualitativas que se deram na área da psicologia social juntamente com o uso da fotografia.

De forma geral, a fotografia pode ser inserida no campo da imagem, através da qual indivíduos se comunicam e elaboram suas experiências no mundo, conforme sintetizou Andriolo (2012, p. 1):

> No campo da Psicologia Social, a produção de imagens tem sido instrumento de pesquisa e a produção científica faz notar um interesse crescente sobre “a imagem de si” ou sobre a “imagem corporal”, recolocando em discussão os estudos de filosofia e psicanálise. Nota-se, então, um triplo sentido da imagem: (1) como ilustração do conhecimento em psicologia; (2) como documento público; (3) como procedimento de pesquisa. No primeiro caso, a posição crítica deve indagar sobre a natureza da ilustração, no segundo, há interlocução com os estudos de cultura visual, enquanto, no terceiro, dialoga-se com os chamados “métodos visuais”. Em todos os casos, solicita-se interpretação da imagem; trata-se da compreensão de processos sociais de significação.
>
> Nesta perspectiva, desenvolveram-se estudos junto ao Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte (IP/USP), na compreensão das trocas entre imagens artísticas e imagens turísticas, a paisagem e a natureza, enfim, na história das imagens na vida social. (...) O domínio da imagem na psicologia social é o estudo de processos sociais nos quais a imagem não é apenas uma coisa física, mas um movimento de mediações entre o objeto icônico e as imagens mentais (e corporais) dos observadores. Assim, os movimentos de transformação da imagem entre uns e outros, enquanto fenômeno imagético no processo social, na vida intersubjetiva, como um campo de significação estética, política, econômica e cultural. (ANDRIOLO, 2012, p. 1).

A imagem aqui é entendida como linguagem em si, meio pelo qual indivíduos e grupos se comunicam e estruturam suas percepções da realidade. No trecho recém citado (ANDRIOLO, 2012), o autor categoriza os usos da imagem dentro da pesquisa em psicologia social, dividindo-as em três grupos, a saber: aquelas imagens que ilustram o texto; as que documentam as pesquisas; e as que são o método da pesquisa em si. Esta última é a que melhor se aplica à nossa pesquisa em Paraty. Trata-se de fazer uso da imagem como método de pesquisa, o que dialoga com os "métodos visuais". (ANDRIOLO, 2012, p. 1).

Dentro do que chamamos de métodos visuais está o uso da fotografia e da filmagem (IDE, 2014, p.30), entre outros. Pedimos licença para restringir esse texto ao uso da fotografia, que foi o método usado na nossa pesquisa.

No artigo "O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia", de Lucas Neiva-Silva e Silvia Helena Koller (2002), há mais um levantamento das diferentes formas de como a fotografia e a psicologia foram combinadas. Julgamos que fazer uma breve apresentação desse levantamento será benéfico para ilustrar o contexto. Dentre essas formas estão: o uso da fotografia como "registro" - quando essa serve para documentar os procedimentos e resultados da pesquisa; como "modelo" - quando determinadas fotografias são apresentadas aos entrevistados e suas reações e respostas às imagens são analisadas; como "*feedback*" - quando fotografias registram os participantes da pesquisa antes e depois de determinado procedimento realizado com eles, e posteriormente, elas são apresentadas a esses participantes; e, por fim, como "auto fotografias" (NEIVA-SILVA, 2002, p.238) - que é a forma que mais se aproxima do que realizamos em nosso trabalho e, por isso, discorreremos mais longamente sobre ela: o método "auto fotográfico" é a combinação de imagens fotografadas pelos próprios participantes da pesquisa com entrevistas abertas realizadas com estes mesmos colaboradores. Essas entrevistas se dão em torno das imagens fornecidas por cada um dos participantes.

> O método auto fotográfico apresenta algumas limitações, como por exemplo, a disponibilidade de pessoas, cenas ou objetos apropriados para representar os diferentes conceitos e o número reduzido de participantes. (Dinklage & Ziller, 1989). Contudo, de acordo com os autores, a grande contribuição deste método para as pesquisas transculturais é a universalidade da linguagem fotográfica, que supera os problemas de comunicação da linguagem verbal existentes, principalmente entre culturas com idiomas diferentes. (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 246).

A proposta do método “auto fotográfico” reconhece na fotografia um processo de significação social - semelhante ao que traz o texto de Andriolo (2012) citado no começo desse capítulo - através do qual os entrevistados se expressam e enriquecem o campo de dados fornecidos para a pesquisa.

Já no artigo “Experimentações fotográficas: o tempo como tema-dispositivo na pesquisa com imagens”, de Paula Marques, Jaqueline Tittoni e Margarete Axt (2013), a combinação da fotografia com entrevista aberta em pesquisas é chamada de “foto narrativa”, isto é, a narrativa oral em conjunto com fotografias tiradas pelo pesquisador ou pelo participante da pesquisa.

Dispondo os termos lado a lado, podemos verificar algumas semelhanças; seja “auto fotografia”, “foto narrativa”, ou ainda, outra denominação, fato é que esse campo vem sendo explorado na psicologia social. Os métodos utilizados em nossa pesquisa na cidade de Paraty dialogam com ambas as denominações, assim como têm diferenças com as mesmas. Por isso, não fazemos uso direto de “foto narrativa” ou “auto fotografia”, mas sim, indireto, a fim de contextualizar o que foi feito por nós. Talvez a principal diferença entre nosso método e os citados nesse texto seja o fato de que nós incluímos fotografias do acervo pessoal de cada participante da pesquisa, ou seja, no conjunto de imagens apresentado por cada sujeito, havia fotografias do passado e não apenas fotografias criadas para o exercício da pesquisa proposta. Tal procedimento, que incluiu imagens de acervo pessoal, é melhor explorado no capítulo “Métodos e procedimentos da pesquisa”, p. 22.

Outra compreensão acerca das formas de uso da fotografia em pesquisas relacionadas à psicologia social é oferecida por Leni Sato em seu artigo “Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho” (2009). Nas palavras da autora:

> Como alguns estudos mostram, a fotografia pode ter múltiplos usos na pesquisa social: como documento, como uma citação, como dado que possibilita esquadrinhar uma situação de trabalho, como uma das visadas possíveis sobre os acontecimentos e como fonte de inspiração para os relatos apresentados. (SATO, 2009, p. 222).

Voltando mais uma vez à nossa pesquisa, a forma como trabalhamos com a fotografia dialoga com alguns desses usos citados pela autora, uma vez que as imagens serviram tanto de inspiração para os relatos apresentados quanto foram uma das visadas possíveis sobre o contexto da cidade de Paraty.

Tudo isso demonstra como a fotografia vem sendo pensada e explorada junto à psicologia social e como ambas vêm caminhando juntas há algum tempo nas pesquisas acadêmicas. No Instituto de Psicologia Social da Universidade de São Paulo, por exemplo, a fotografia embasou pesquisas como "Entre a essência e a construção: experiências cotidianas do feminismo a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistanas", de Adriana Bosco (2009), que propôs a um grupo de mulheres que fotografassem o que representava o feminino para elas; os resultados foram obtidos a partir da análise das transcrições das entrevistas em conjunto com as fotografias.

Mas afinal, por que combinar fotografias com entrevista aberta? Qual a contribuição da fotografia no contexto da entrevista? Voltando ao artigo de Leni Sato (2009), encontramos qualidades específicas na pesquisa quando esta inclui a fotografia: “Esse processo de construção de visibilidades mostra-se mais evidente e é potencializado quando a convivência do pesquisador com os pesquisados é intermediada pela máquina fotográfica, como instrumento que indica a promessa de registro de imagens”. (SATO, 2009. p. 217). Entendemos que inserir a máquina fotográfica no contexto da pesquisa faz com que todo o caminho do estudo em questão se volte para as visualidades, muito mais do que se a pesquisa se restringisse à narrativa oral. Ou seja, ao trabalhar com fotografia, a pesquisa aborda os fenômenos - que são seu objeto de estudo - por caminhos mais visuais: através das imagens, das paisagens, do ambiente e das relações entre as pessoas e os objetos.

Os autores Neiva-Silva e Koller (2002) também trazem especificidades da pesquisa que faz uso da fotografia, colocando esta como uma porta de entrada para conteúdos que não seriam acessados de outra maneira:

> (...) Assim, adotando-se o pressuposto de que parte das pessoas teria dificuldade em expressar verbalmente determinados temas, o uso da fotografia poderia auxiliar na comunicação destes significados, permitindo uma melhor compreensão destes conteúdos por parte do pesquisador. (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 238).

Trata-se de fazer uso da fotografia como um sistema de significações paralelo à linguagem verbal, e assim, coletar dados por outros meios que não só a palavra, enriquecendo os resultados do trabalho de campo.

Em seguida, os autores citam pesquisas que fizeram uso do método “auto fotográfico” para entender as diferentes relações estabelecidas com uma cidade

(NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 241), o que se assemelha ao que foi realizado por nós na cidade de Paraty.

Também as formas de perceber e analisar as narrativas orais junto às fotografias podem ser feitas por diversos caminhos: o pesquisador pode atentar para o fato da fala do entrevistado se restringir a uma foto por vez - ou se dirigir ao conjunto de imagens como um todo; perceber se a narrativa se refere a um tempo no passado - ou se fala do presente; e ainda, o entrevistado pode discorrer sobre dados concretos retratados nas imagens - ou se ater a conceitos abstratos representados nas mesmas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 243). Portanto, são muitos os caminhos possíveis a partir da combinação da imagem com a narrativa oral na pesquisa em psicologia social. Por isso, faz-se necessário uma reflexão a cerca dessas possibilidades, para que se possa eleger a forma de combinação entre fotografia e narrativa oral que melhor atenda aos objetivos da presente pesquisa.

De modo geral, sabemos que a fotografia como método de pesquisa permite o acesso a lugares específicos: "A câmera era como uma senha de entrada, que permitia ver o trabalho, a arte e a rede de relações (...)". (SATO, 2009, p. 223). A metáfora da senha de entrada, oferecida por Sato, parece-nos adequada pelo fato de reconhecermos que fazer uso da fotografia em nossa pesquisa[1] na cidade de Paraty nos permitiu acessar contextos como a casa do entrevistado, sua vida cotidiana e seu passado. Contextos estes que foram representados nas fotografias e depois elaborados na entrevista realizada com cada um dos participantes. "Quando uma pessoa direciona a câmera fotográfica para determinado objeto, símbolo, evento, pessoa ou lugar, em resposta a uma pergunta, e capta esta imagem através da fotografia, naquele instante ela passa a mostrar algo de si. (...) (Burgess, Enzle & Morry, 2000)." (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 248). Portanto, esse algo pode ser revisitado no momento de falar sobre as fotografias; e assim foi com nosso trabalho de campo, permeado por relatos do passado, dos encontros e dos afetos de cada um dos sujeitos da pesquisa.

[1] O uso que fizemos da fotografia em nossa pesquisa na cidade de Paraty difere dos usos apresentados nesse capítulo e é melhor explicado no capítulo Envio das fotografias, p. 26. Mas é necessário citar aqui o fato de que fotos do acervo pessoal dos entrevistados foram utilizadas na pesquisa, por isso, tivemos acesso a contextos relativos ao passado dos participantes.

2.2 Abordagem fenomenológica do social

Diversos conceitos e autores serviram de base para definirmos nossa postura como pesquisadores e nossos métodos de pesquisa; apresentamos alguns deles a fim de melhorar o entendimento do leitor acerca de como foi construído esse trabalho e de como entendemos o pesquisador e o pesquisado.

Esses conceitos se relacionam e, portanto, são apresentados de forma interpenetrada no texto a seguir. A ideia é ilustrar o contexto no qual essa pesquisa foi realizada.

Primeiramente, é importante salientar que o presente trabalho é uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, ou seja, que propõe a abordagem do objeto de pesquisa a partir da suspensão de qualquer premissa em relação ao fenômeno por parte do pesquisador, o qual se expõe ao objeto de estudo a fim de permitir que a experiência deste se manifeste através da relação entre observador e observado. (MARCHI, 2012, p. 26).

> O termo fenomenologia deriva de duas outras palavras de raiz grega: *pheinomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Portanto, etimologicamente, fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo. (MOREIRA, 2004, p. 67).

Ainda segundo esse autor (MOREIRA, 2004), o principal objetivo daquele que realiza uma pesquisa de base fenomenológica é colocar-se no lugar do sujeito de pesquisa, para assim se aproximar do fenômeno através da perspectiva do sujeito participante.

Desse modo, a proposta do pensamento fenomenológico (MOREIRA, 2004, p. 60) é uma abordagem intrínseca à subjetividade do pesquisador, que foca nos processos e fluxos contínuos do fenômeno.

Em nosso trabalho, entrecruzamos à fenomenologia o paradigma indiciário tal como aparece na proposta do historiador Carlo Ginzburg (1991). A respeito da atividade do pesquisador, Barros escreve:

> Se ele elabora a biografia ou a “história de vida” de um indivíduo (e frequentemente escolherá um indivíduo anônimo), o que o estará interessando não é propriamente biografar este indivíduo, mas sim os

> aspectos que poderá perceber através do exame micro-localizado desta vida. (BARROS, 2007, p. 169).

É o que propõe a presente pesquisa de mestrado ao entrevistar uma pequena amostragem de pessoas[2] no município de Paraty, buscando se aproximar com cuidado da realidade social de cada um dos participantes da pesquisa. Ainda citando o mesmo autor:

> O que a Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. (BARROS, 2007, p.169).

Assim, essa pesquisa aborda 12 indivíduos que se relacionam de diferentes formas com a cidade de Paraty e pretende - através deste pequeno grupo de participantes - se aproximar de fenômenos que se dão na realidade do grupo de habitantes da cidade.

Isso porque entendemos a cidade e a relação de seus habitantes e turistas como um fenômeno que se encontra entre o indivíduo e o social, fazendo-se necessário o estudo do objeto nesses dois campos, pois ambos estão inseridos na psicologia social e são parte do que entendemos como ambiente e paisagem conforme a estética fenomenológica de Berleant (1992), a partir da perspectiva de que não podemos separar o espaço habitado das pessoas que ali convivem, percebem e representam o ambiente. Cada parte se interpenetra a outras, sendo grande parte da individualidade de cada sujeito determinada em função do contexto social em que esse se encontra, seja no presente ou no passado. Sendo assim, há uma reciprocidade entre indivíduo e ambiente, a qual se verifica desde o modo como os corpos se movem em função do chão em que caminham até suas expressões faciais frente a um cheiro específico (BERLEANT, 1995). Segundo Berleant, a paisagem é um fenômeno que não só envolve o nosso olhar, mas todos os nossos sentidos, sendo desse modo uma atividade sensorial, que se forma em função da interação com o humano, e esse se forma em função da interação com a paisagem. Segundo o autor, seria interessante denominar toda a paisagem de "paisagem cultural", considerando assim fatores que normalmente são deixados de lado no momento em que a paisagem é analisada. Nesse sentido, Berleant (1992) atenta para a importância de desfazermos

---

[2] A amostragem foi de 12 pessoas, sendo estas distribuídas entre nativos, imigrantes e turistas de Paraty. Tal recorte é melhor explicado na página 24 deste trabalho.

os limites entre ambiente, indivíduo e paisagem, permitindo o estudo desses elementos combinados, resultando em um todo que é formado da interação destes.

Além de se aproximar do fenômeno da constituição da paisagem em função do ambiente e do participante da pesquisa, procuramos indagar sobre a experiência estética dos habitantes e visitantes da cidade de Paraty. Em outras palavras, nossa pesquisa investiga a relação dos participantes com as categorias da experiência estética na cidade, elementos que serão tocados no processo de criar e selecionar fotografias.

2.3 Sobre criatividade

É comum nos depararmos com o conceito de criatividade estritamente vinculado a processos artísticos, sendo o sujeito criativo aquele que cria arte. Isso difere de nosso entendimento acerca de criatividade; para nós, a criatividade permeia todo e qualquer processo que envolva criação, estando, portanto, presente na vida de forma muito mais abrangente do que apenas no contexto da criação artística. “O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam”. (OSTROWER, 1987, p.5). Criar é dar forma a algo, é a capacidade do ser humano de se deparar com pedaços da realidade por ele percebida e, a partir desse encontro, dar forma a isso, deixar o novo surgir.

Pode-se dizer que “(...) a criatividade é inerente ao ser humano; é um fenômeno que nos possibilita um modo de conhecer o mundo. Para exercê-la temos de ter acesso a essa dimensão do nosso saber-pensar”. (ARANHA, 2008, p. 11). Sendo assim, apesar de ser algo intrínseco ao sujeito, entendemos a criatividade como algo a ser desenvolvido e exercitado. Algo específico do nosso “saber –pensar” (ARANHA, 2008) que pode se encontrar em diversos estados de atividade no sujeito. “A criatividade, como a entendemos, implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza”. (OSTROWER, 1987, p. 27).

A criatividade pede que o sujeito se deixe permear por aquilo que se lhe apresenta, a partir do mundo e a partir de seu próprio interior. E, desse encontro com diferentes elementos, emerge a capacidade humana de dar forma, de lidar com o caos que precede uma nova configuração desses elementos. “(...) a criação artística parece ter sua gênese numa motivação vivida e, ao mesmo tempo, numa desordem”.

(ARANHA, 2008, p. 17). Desordem essa essencial para a construção de uma nova ordem, para a criação de algo novo. “(...) A ordem vicária vai-se dissolvendo, (...) Um princípio de desordem se instala para, logo adiante, recompor-se em nova ordem, mais pessoal, reflexo de uma experiência genuína”. (ARANHA, 2008, p. 26).

E é através da experiência de criação que o sujeito acaba por criar a si mesmo, nesse ir e vir com o mundo interno e o mundo externo no qual habita. “Daí se nos apresenta outro aspecto que tanto nos fascina no mistério da criação: ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura”. (OSTROWER, 1987, p. 51). Em outras palavras, o sujeito faz uso da sua criatividade para criar a si próprio e, criando a si próprio, ele cria o mundo. Faya Ostrower nos oferece uma espécie de resumo acerca desse processo de ordenação e criação de si e do mundo, o qual transcrevemos a seguir:

> Enquanto identificamos algo, algo também se esclarece para nós e em nós; algo se estrutura. Ganhamos um conhecimento ativo e de alto-cognição, uma noção que, ao identificar as coisas, ultrapassa a mera identificação. Em qualquer situação em que nos encontramos, por exemplo, haverão de surgir inúmeros dados, dos quais talvez alguns já nos sejam familiares, outros novos, alguns talvez desconexos e outros até mesmo insólitos. No entanto, de modo aparentemente misterioso, de pronto os unimos. Os dados serão vistos em conjunto, pertencentes à situação à qual também nós pertencemos. E, em conjunto, serão interligados e avaliados: os dados, as várias ligações conosco, bem como as ligações entre ligações. Serão percebidos como a trama de um evento em cuja ordenação interior compreendemos consistir o conteúdo da situação. (OSTROWER, 1987, p. 57).

Por fim, nos parece necessário evidenciar que, apesar de incluir a desordem e o caos em seus processos, a criatividade não é um processo descontrolado e carente de objetivos claros por parte do criador.

> O ato criador não nos parece existir antes ou fora do ato intencional. Nem haveria condições, fora da intencionalidade, de se avaliar situações novas ou buscar novas coerências. Em toda criação humana, no entanto, revelam-se certos critérios que foram elaborados pelo indivíduo através de escolhas e alternativas. (OSTROWER, 1987, p. 11).

Pelo contrário, a intenção de criar algo específico dá força para que o processo criativo aconteça; é o caso dos processos que envolveram nossa pesquisa,

sendo o mais abrangente deles a intenção de realizar a mesma. E foi a partir dessa intenção que resultou essa dissertação de mestrado.

Também podemos observar como os processos criativos permeiam a relação de cada sujeito com a cidade através da imagem fotográfica, fator que é melhor analisado nas considerações finais (p. 81).

2.4 Paraty

2.4.1 Visão geral

A cidade de Paraty localiza-se ao extremo sul do estado do Rio de Janeiro, situando-se a 258 quilômetros da capital, a cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2015 completa 348 anos (foi fundada em 1667); se encontra permeada por turistas durante o ano todo, principalmente nas férias de verão e durante os festivais, pois é referência de destino turístico tanto pela arquitetura colonial - preservada principalmente em seu centro histórico - como pelos festivais culturais e festas religiosas que acontecem na cidade (SOUZA, 2008), que ao todo somam 39 eventos, conforme o calendário oficial[3]. Alguns exemplos são a FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty), o Encontro de Aquarelistas, o Paraty em Foco (evento de fotografia) e a Festa do Divino. Além disso, a região é destino de turistas que intencionam praticar esportes de aventura, como mergulho nas ilhas próximas e caminhadas nas reservas florestais que se situam próximas ao município de Paraty. Segundo o IBGE[4], em 2015, a cidade possui 37.533 habitantes, sendo estes divididos entre nativos e imigrantes.

Segundo o resumo histórico oferecido por Debora Moraes no fotolivro de André Azevedo (2010), a cidade cresceu muito no século XVII, quando era um dos principais portos da colônia por onde escoavam o ouro de Minas Gerais e o café do Vale do Paraíba, entre outras mercadorias. Mais tarde, com a abolição da escravatura no século XIX, a cidade ficou esquecida e só foi redescoberta com a abertura da BR-101, conhecida como Rodovia Rio-Santos. Assim, a cidade ressurgiu e ganhou forças principalmente graças ao turismo. (AZEVEDO, 2010).

---

[3] Calendário 2015: turismo e cultura. Disponível em: <http://www.paraty.com.br/calendario.asp>. Acesso em: 22 jun. 2015.

[4] Censo - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/2015. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/15UA>. Acesso em: 22 jun. 2015.

Em meados do século XIX já aconteciam movimentos visando ao reconhecimento patrimonial da cidade.

> Em 1945, surgiram as primeiras iniciativas de preservação dos remanescentes históricos com a elevação de Paraty à condição de Monumento Histórico Estadual do Rio de Janeiro, a Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1958 e, por fim, em 1966, a Monumento Histórico Nacional. (ANDRIOLO, 2015, p. 118).

Alguns monumentos foram tombados pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como as Igrejas de Santa Rita, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores e a Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. Também o foram o Forte Defensor Perpétuo, a Santa Casa de Misericórdia e a Casa da Fazenda de Nossa Senhora, entre outros[5].

2.4.2 Por que Paraty como lugar de pesquisa?

Tanto o orientador dessa pesquisa quanto sua autora têm um forte engajamento em relação à cidade de Paraty e já frequentaram alguns dos festivais lá promovidos[6]. No que diz respeito à orientanda, esta se interessou por estudar Paraty mais profundamente quando, em 2013, depois de tê-la visitado muitas vezes como turista, pôde permanecer um período mais longo e viver a cidade estando mais próxima à perspectiva dos moradores. Foi quando se revelou a Paraty para além da imagem percebida como turista: uma Paraty que não se restringe ao centro histórico, mas vai até o bairro das Cobras, o Corisco, a Praia dos Ingleses; que não é só conhecer restaurantes, praias e festivais, mas frequentar cursos semanais e comércio local no Jabaquara. Assim, a pesquisadora teve um primeiro contato com as diferentes perspectivas pelas quais Paraty é percebida e se sentiu compelida a investigar mais profundamente como a cidade se apresenta para o turista, para o imigrante e para o

---

[5] Paraty (RJ). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/381>. Acesso em: 22 set. 2015.

[6] Também essa pesquisa pretende ampliar a pesquisa “Pintura em Paraty: Percepção e Vida Social”, realizada pelo Prof. Dr. Arley Andriolo e orientador dessa pesquisa de mestrado. A pesquisa “Pintura em Paraty: Percepção e Vida Social” foi realizada junto ao Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte – LAPA (IP/USP), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Projeto Regular, período 2008/2009).

nativo. Perceber essas diferentes "Paratys" consiste em um dos objetivos gerais dessa pesquisa.

Outro objetivo geral desse trabalho foi investigar como se dá o processo de criação de uma representação fotográfica da cidade de Paraty e como isso se reflete no sujeito participante desse processo em relação ao ambiente da cidade. Para isso, ter Paraty como objeto de fotografia foi, em si, uma fonte rica para a criação artística, sendo a cidade um próprio cenário, permeado de atividades, encontros e de uma paisagem estética abundante em beleza e significados. Esse foi um bom ponto de partida para o processo de criação e seleção de imagens vivido pelos participantes da pesquisa, os quais, ao final, apresentaram um conjunto de fotografias que representa como é a Paraty deles próprios.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Realizar uma pesquisa visual em Paraty de forma compartilhada.

3.2 Específicos

- Entender os processos vividos pelo indivíduo que cria uma representação fotográfica da cidade de Paraty.
- Explorar a relação do nativo, do imigrante e do turista com Paraty;
- Explorar, como metodologia de pesquisa, o cruzamento da imagem com a narrativa.

3.3 Métodos e procedimentos da pesquisa

Tendo os objetivos da pesquisa como ponto de partida, percorremos um caminho através do qual essa investigação em Paraty aconteceu e esse conjunto de dados foi reunido. A seguir, discorreremos sobre esse percurso, que foi se redefinindo ao longo do caminhar, transformando-se em função dos encontros com diferentes autores, diversos entrevistados e distintas conversas e reflexões que cruzaram nosso processo de pesquisa.

Iniciamos esse relato contextualizando a pesquisa de campo da autora em Paraty, que se realizou de 6 a 27 de maio de 2014, totalizando 21 dias na cidade. Durante todo esse período, ela esteve hospedada na edícula de uma casa de família, perto do portal de entrada da cidade de Paraty. Nesses dias, realizou uma série de procedimentos que serão melhor descritos a seguir, sendo que parte destes foi realizada em Paraty e outra parte já no município de São Paulo, após o término da viagem de campo. Ao final do trabalho de campo, um conjunto de dados foi coletado, o qual consiste em 144 fotografias e 170 páginas de transcrição de entrevistas.

Foi através de uma sequência de etapas que construímos esse conjunto de dados. A fim de apresentar ao leitor como tudo aconteceu, segue o relato de cada uma dessas etapas, por meio do qual apresentamos nossos métodos ao mesmo tempo em que discorremos sobre os resultados obtidos.

3.4 Observação participante

Em nossa pesquisa, assumimos a postura de observação participante, a qual permeia todos os procedimentos de nosso trabalho. Segundo Moreira (2004, p. 51), a observação participante pode ser desmembrada em quatro itens, a saber:

- Participação ativa dos sujeitos da pesquisa;
- Observação intensa dos ambientes do contexto da pesquisa por parte do pesquisador;
- Entrevistas com os sujeitos de pesquisa;
- Análise documental.

Essa pesquisa foi realizada através da participação ativa dos envolvidos, tanto os sujeitos pesquisados quanto os pesquisadores, incluindo processos de criação de ambas as partes. Quanto à entrevista, o método utilizado foi o semiaberto (MOREIRA, 2004, p. 55), no qual um roteiro de tópicos (anexo, p.90) orienta a conversa. O entrevistador toma o cuidado para que todos os tópicos sejam abordados, sem se preocupar com a ordem em que aparecem, permitindo assim que a entrevista tome caminhos não previstos no roteiro.

Já a análise documental se deu acerca das fotografias oferecidas pelos participantes da pesquisa, as quais foram o foco em torno do qual as entrevistas foram realizadas.

Portanto, essa pesquisa combina a fotografia com a narrativa oral como método de pesquisa, o que dialoga com o método auto fotográfico (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002), apesar de, com ele, ter diferenças.

3.5 Seleção dos participantes

A seleção dos participantes foi feita com base no critério de que três perfis deveriam ser representados na amostragem dos entrevistados: "nativos", "imigrantes" e "turistas". Por "nativos" denominamos aqueles que nasceram na cidade de Paraty e ali têm família, além de apresentarem laços sociais de amizade ou trabalho naquele local; "imigrantes" são aqueles que estão morando na cidade há pouco tempo; e "turistas" são aqueles que fizeram uma viagem de curta duração à Paraty. O grupo de participantes é composto por pessoas de cada um desses perfis, totalizando 12

indivíduos. Todos os participantes possuem idades entre 23 e 50 anos; metade é representada por homens e a outra parte, por mulheres. As classes sociais são distintas, sendo os entrevistados provenientes de diferentes realidades econômicas. A seguir, um resumo dessas informações supracitadas:

Nativos	4 participantes
Imigrantes	6 participantes
Turistas	2 participantes
Idade	Entre 23 e 55 anos
Gênero	50% homem, 50% mulher
Classe social	Variada

Encontramos os participantes dessa pesquisa através de diversos caminhos. Alguns são conhecidos da pesquisadora, outros foram abordados na rua e outros, ainda, foram indicados por amigos e conhecidos. Os encontros aconteceram de diversas maneiras, mas a partir do aceite em participar da pesquisa, os procedimentos foram similares.

3.6 Apresentação à pesquisa

Após uma breve introdução a respeito do que se tratava a pesquisa e quais seriam os seus procedimentos, algumas pessoas aceitaram fazer parte do grupo de participantes. Esse aceite aconteceu presencialmente, e a partir desse momento, os entrevistados foram instruídos a selecionar 12 fotografias tiradas por eles próprios e que respondessem à pergunta: “Como é a sua Paraty?”.

A princípio, as fotografias deveriam ser tiradas posteriormente à apresentação da pesquisa ao participante. Mas, desde o início, percebemos uma resposta diferente da imaginada: todos, com exceção de um entrevistado, pediram para trazer fotos de seus acervos pessoais, incluindo imagens produzidas no passado e imagens que incluíam eles próprios na paisagem, ou seja, elas haviam sido clicadas por terceiros ou eram autorretratos. A princípio, achamos que isso desvirtuaria a proposta da

pesquisa, a qual propunha que os participantes fotografassem somente a partir dessa primeira conversa. Mas depois, vimos que as fotografias tiradas anteriormente adquiriam novo significado ao serem incluídas na pesquisa e não faria sentido, dentro de uma perspectiva de interação com o entrevistado, impedir que imagens de acervo pessoal fossem escolhidas. Sendo assim, permitimos que isso se desse de tal maneira, e a pesquisa passou a incluir fotografias do passado, muitas vezes clicadas meses ou anos antes da realização dessa pesquisa. Também passamos a incluir fotografias - tiradas por terceiros - que incluíam ou não os entrevistados nas imagens, ou seja, tratava-se de imagens fotografadas por outras pessoas que não os próprios entrevistados, porém, que faziam parte do acervo pessoal do participante. Essa alteração nos distanciou do método “auto fotografia” (Neiva-Silva e Koller, 2002, p. 238), que consiste em fazer uso de fotografias tiradas pelos participantes para o exercício proposto em combinação com entrevistas abertas. Portanto, não podemos definir nosso método como “auto fotográfico”, uma vez que para essa pesquisa foram aceitas não apenas fotografias previamente clicadas como também fotografias tiradas por terceiros.

Voltando ao relato dos procedimentos da pesquisa, esse primeiro encontro aconteceu por diversos caminhos. A maior parte dos participantes, depois de ouvirem uma breve explicação acerca do que se tratava a pesquisa, aceitou o convite para participar e anotaram o *e-mail* da pesquisadora, comprometendo-se a selecionar as fotos e enviá-las para o endereço eletrônico fornecido. Alguns participantes preferiram informar o próprio *e-mail* ao invés de anotar o da pesquisadora, e assim, esta entrou em contato posteriormente para tratar da pesquisa.

Apesar de oferecermos uma máquina fotográfica a título de empréstimo, nenhum participante aceitou, uma vez que todos dispunham de seus próprios recursos tecnológicos. Alguns fizeram uso de máquinas fotográficas, outros de câmeras embutidas em telefones celulares.

Desde esse primeiro momento, a pesquisadora já adotou a postura de observação participante (MOREIRA, 2004, p.118), inserindo-se no contexto da cidade de Paraty e criando um vínculo afetivo com os participantes da pesquisa, sempre fazendo anotações de impressões e percepções diversas. O trabalho de campo e a coleta de dados já haviam começado.

3.7 Envio das fotografias

Aos poucos, as fotografias foram sendo enviadas - via *e-mail* ou via *Facebook* - para a pesquisadora, e esta criou em seu computador uma pasta de arquivos para cada entrevistado, contendo as 12 fotografias correspondentes a cada um deles.

Conforme as fotografias foram sendo enviadas, constatamos que o número de imagens retratando o próprio participante era grande. Tratava-se de fotografias clicadas por terceiros, as quais faziam parte do acervo pessoal de cada participante. Mais uma vez, cogitamos a possibilidade de rejeitar essas fotografias, mas por fim concluímos que, dentro do contexto da nossa pesquisa, era possível que a pergunta da pesquisa se transformasse em função da resposta, e assim, algo novo surgiu a partir da interação com o objeto de estudo, algo diferente do que esperávamos que viesse a ser o resultado da pesquisa. E, sobretudo, concluímos que essas respostas inesperadas eram o que a nossa pergunta primeira, “Como é a sua Paraty?”, evocara nos participantes. Sendo assim, não faria sentido estratificar a forma como as respostas deveriam ser enviadas.

O ponto auge de surpresa foi quando um participante turista trouxe, entre outras imagens, uma fotografia que foi tirada pela própria pesquisadora cerca de um ano antes, em março de 2013, quando esta fazia uma visita turística a Paraty e pegou emprestada a máquina fotográfica do participante para tirar algumas fotos (fotografia número 135, p.66). Em um primeiro momento, pensamos em rejeitar aquela imagem ou até cortar por inteiro a participação desse entrevistado na pesquisa, uma vez que a relação de amizade entre pesquisadora e pesquisado interferiria no processo da pesquisa. Mas após refletir sobre o imprevisto, percebemos que ter um vínculo pessoal com o entrevistado foi benéfico para a qualidade do encontro entre pesquisador e pesquisado (BOSI, 2003) e, assim como outros entrevistados trouxeram fotografias clicadas por terceiros, porque essa fotografia tirada pela pesquisadora não poderia fazer parte das 12 fotos desse participante? Sendo assim, mantivemos essa fotografia e tomamos o cuidado de descrever e justificar o processo de inclusão dessa imagem em nosso trabalho.

A maior parte das fotografias foi impressa no formato 10cm X 15cm em papel fotográfico simples. Para isso, usamos os serviços de uma papelaria próxima à rodoviária de Paraty. Tal procedimento foi feito com o intuito de permitir que, no momento da entrevista, as fotografias pudessem ser melhor apreciadas, tanto pelo

entrevistado quanto pela pesquisadora. Infelizmente, algumas fotografias não puderam ser impressas, e a entrevista se deu a partir da visualização das imagens na tela do computador. Ao todo, 108 fotografias foram impressas, correspondendo às imagens enviadas por 9 dos participantes da pesquisa.

3.8 Entrevista semiaberta

O segundo encontro teve horário e local marcados através de *e-mail*, *facebook* ou telefone. Diversos lugares foram usados para a realização dessa etapa da pesquisa, sendo alguns deles a Casa de Cultura de Paraty - localizada no Centro Histórico da cidade, uma lanchonete na mesma região, a casa na qual a pesquisadora estava hospedada, a casa do participante a ser entrevistado ou até mesmo um banco de calçada.

Em um primeiro momento desse encontro, cada participante preencheu uma ficha catalográfica (anexo, p. 90) fornecendo seus dados básicos. Em seguida, assinou um dos termos de consentimento de entrevista - ou optando pelo anonimato na pesquisa (anexo, p. 91) ou autorizando o uso de seu nome associado às fotografias por ele selecionadas (anexo, p. 93). De todos os 12 entrevistados, apenas 3 optaram pelo anonimato, sendo que os outros 9 participantes quiseram ter seus nomes associados às suas fotos, e alguns deles, inclusive, especificaram um nome artístico, ou seja, um nome diferente do que consta no documento de identidade. Foi importante que os participantes pudessem escolher entre ter ou não anonimato, uma vez que havia a possibilidade de que imagens e informações causassem desconforto se publicadas; mas, por outro lado, associar o nome do participante às imagens é permitir que este assine suas fotografias, o que pode se constituir como uma parte significativa da experiência artística. Isso se evidenciou nos casos em que os participantes forneceram os nomes artísticos a serem vinculados às imagens. Uma vez preenchida a ficha catalográfica e assinado o termo de consentimento de entrevista, a pesquisadora pediu permissão para dar início à gravação do áudio. Permissão concedida, o gravador[7] era ligado e se iniciava a entrevista semiaberta guiada pelo Roteiro de Entrevista (anexo, p. 90). O depoimento acontecia em torno das fotos do

[7] O gravador utilizado foi um celular da marca Apple, modelo IPhone 5S.

entrevistado, e este tinha a oportunidade de compartilhar significados daquelas imagens com suas narrativas, aprofundando a descrição de sua relação com a cidade. Foi importante criar um ambiente propício para que se desse o encontro entre entrevistador e entrevistado, para que fosse permitido o silêncio, a dúvida e o aprofundamento de uma conversa a partir de um vínculo de amizade criado entre entrevistador e entrevistado (BOSI, 2003). Para isso, a pesquisadora cuidou para que o lugar e o momento a ser realizada a entrevista oferecessem o máximo de conforto e acolhimento ao entrevistado. Para isso, atendeu às preferências dos entrevistados que, ora sugeriam suas próprias casas para o segundo encontro, ora preferiam marcar em um café ou na Casa de Cultura. Tudo era realizado a fim de deixar o entrevistado à vontade e, assim, facilitar o acontecimento de um encontro agradável e rico em termos de trocas e fornecimento de dados.

Alguns entrevistados começavam discorrendo sobre cada uma das fotografias, outros falavam de sua história relacionada à cidade, outros ainda, falavam da própria relação com a fotografia; mas todos abordaram cada uma das 12 fotografias selecionadas por eles mesmos durante a conversa, e assim, entrecruzaram-se a fala e a imagem.

3.9 Transcrição das entrevistas

O processo de transcrição das entrevistas começou durante a viagem de campo, em Paraty, e seguiu acontecendo quando a pesquisadora já estava de volta a São Paulo. Para fazer a transcrição a pesquisadora usou o programa *ITunes* em seu computador, que tocava a gravação das entrevistas, enquanto transcrevia as falas no programa *Word*, no mesmo computador.

Em um outro momento, a autora extraiu de cada uma das entrevistas suas principais características. Isso foi feito a partir do conjunto de fotografias enviado por cada um dos participantes e da leitura cuidadosa do texto transcrito, resultando em uma pequena introdução sobre cada um dos participantes e suas fotografias. Essas introduções textuais antecedem os blocos de fotografias selecionadas por cada um dos participantes, e estão apresentados em Doze conjuntos de doze fotografias (p. 30).

3.10 Criação dos conjuntos multiautorais

Desde o momento em que as fotografias eram enviadas à pesquisadora, categorias de imagens se revelaram, ou seja, fotos de diferentes participantes dialogavam entre si, ora através do tema das imagens, ora por meio de suas linguagens estéticas. Para dar vazão a isso, a mestranda se permitiu selecionar do conjunto geral algumas imagens que, colocadas lado a lado, são uma unidade em si. Esses resultados são apresentados em Conjuntos multiautorais (p. 68).

4 RESULTADOS: TEXTO, IMAGEM, ACERVO PESSOAL

A seguir, apresentamos o que entendemos por resultados dessa pesquisa. Trata-se de duas formas de apresentação das imagens reunidas no trabalho de campo, sendo a primeira delas os “Doze conjuntos de doze fotografias” (p. 30), na qual apresentamos cada uma das 144 fotografias selecionadas por cada um dos 12 participantes, e a segunda os “Conjuntos multiautorais” (p. 68) criados a partir da relação entre as fotografias de diferentes participantes.

Procuramos evidenciar a imagem fotográfica nesse ponto da pesquisa, por isso, o que segue deveria ser lido através da linguagem das imagens. O texto desponta com a proposta de ilustrar as fotografias, e não o contrário.

O que segue foi o que nos pareceu possível em termos de apresentação das fotografias, com todos os limites de diagramação e de material gráfico que traz o formato de uma dissertação de mestrado.

4.1 Doze conjuntos de doze fotografias

Cada um dos 12 participantes dessa pesquisa selecionou 12 fotografias de seu acervo pessoal para responder à pergunta “Como é a sua Paraty?”. A seguir, apresentamos cada uma dessas imagens, que somam 144 ao total.

A ideia é apresentar as respostas que nos foram oferecidas em forma de imagem. O texto está presente, porém, ilustrando o conteúdo principal: as fotografias.

Há fotografias em maior e em menor resolução e essa diversidade é parte dos dados de campo.

Cada conjunto é precedido por uma breve introdução acerca do participante que o criou. Essa introdução surgiu da redução do texto transcrito a partir das entrevistas realizadas com cada um dos sujeitos da pesquisa.

4.1.1 Tereza

O nome Tereza é fictício e, a pedido da participante, todos os rostos nas imagens foram borrados, a fim de evitar identificações de pessoas.

Uma mulher de 46 anos que trabalha em uma loja de roupas perto da rodoviária. Foi olhando suas mercadorias que a autora desse trabalho encontrou essa participante, e foi nessa mesma loja, tendo o balcão como mesa, que se realizou a entrevista da pesquisa.

Nativa da cidade, Tereza casou-se com um turista de Paraty e teve filhos que atualmente moram com o pai, na Europa. É evangélica, e trouxe a rotina de sua igreja em suas fotos, contando sobre os cultos que frequenta semanalmente e os eventos que organizam tanto na zona urbana quanto na região que rodeia a cidade, cuja natureza é exuberante, como o Saco do Mamanguá.

Muitas fotos reproduzem imagens de bichos. Um pouco por conta do afeto que sente por eles, um pouco pela resistência em escolher imagens de seus filhos ou outros conhecidos cujos rostos podiam ser visualizados.

O conjunto de fotografias de Tereza representou: um cachorro que adotaram em sua rua, potrinhos que passaram em frente à sua loja, urubus que comeram a carne que estava na garupa de uma bicicleta estacionada e um caranguejo de mangue que estava amarrado.

> Aí eu encontrei ele amarrado porque o rapaz, o que eu soube foi isso, tinha um rapaz lá na Praia do Sono, que a minha mãe alugou o quarto. E ele amarrou o bichinho porque ele queria tirar foto do bichinho. Eu não sabia... E eu encontrei ele amarradinho, (...) eu tirei a foto, e soltei! Mas eu não sabia, que eu falei "mas quem amarrou esse bichinho aqui? Coitado do bichinho!”.

4.1.1.1 A Paraty de Tereza - fotos de 1 a 12

1)

2)

3)

4)

5)

6)

7)

8)

9)

10)

11)

12)

4.1.2 Joana

Foi através de sua filha que encontramos Joana, uma paratyense que tem orgulho do seu acervo de fotos da cidade. Desde imagens históricas de seus antepassados até fotos tiradas com seu celular: está tudo guardado em seu computador.

Nascida na cidade, em 1946, começou a entrevista falando do quão prejudicial à cidade de Paraty foi permitir a construção da rodovia Rio-Santos, uma vez que por conta dessa estrada muitos imigrantes vieram morar na cidade, enquanto grande parte da população caiçara acabou se mudando de lá. Assim, logo no início da conversa, Joana revelou uma postura crítica em relação à cidade e um conhecimento profundo acerca de sua história, fatores que permearam a entrevista como um todo.

> Eu fico indignada com isso! É o cachorro de vidro, né? Que eles falavam... O beiral. Tá vendo? Isso aqui é vidro! Eu falei "desde quando?" sabe... Desde quando tinha isso? Vidro, naquela época? Vão fazer telha de vidro nas coxas das mulheres? Não tinha como! (risos) das negras, né?

Isso está registrado na foto número 13 (p. 35), uma vez que a utilização de telhas de vidro no centro histórico é proibida, e ela sabe disso. Também fez críticas ao bairro das Laranjeiras - cheio de casas de veraneio que ficam vazias a maior parte do ano - e à uma pousada famosa que construiu uma piscina irregular.

Outros elementos que se fizeram muito presentes na conversa foram sua família e seu espaço de trabalho, ambos representados em sua seleção de fotografias.

A pedido de Joana, seu nome foi alterado. A conversa aconteceu em sua casa e foi a mais longa de todas.

4.1.2.1 A Paraty de Joana - fotos de 13 a 24

13)

14)

15)

16)

17)

18)

19)

20)

21)

22)

23)

24)

4.1.3 Tiago Alvarenga

Conhecemos Tiago Alvarenga na Casa de Cultura, em um evento de lançamento da programação da FLIP 2014 (Feira Literária Internacional de Paraty). Na ocasião, Tiago já aceitou fazer parte do grupo de participantes da pesquisa e, alguns dias depois, enviou-nos as fotos que são apresentadas a seguir. A entrevista aconteceu em um café, no centro histórico, próximo à Casa de Cultura.

No momento da entrevista Tiago tinha 25 anos de idade. Nativo de Paraty, trabalha na cidade tanto com projetos artísticos quanto com montagens de exposições e festivais.

O principal elemento retratado nas imagens desse entrevistado foram passeios por regiões de natureza ao redor da zona urbana de Paraty. Cachoeiras e mirantes pouco conhecidos pelos turistas são destino de passeios cotidianos de Tiago e seu grupo de amigos.

> Ficou linda essa foto, né? Teve bastante curtida[8]. É um mirante lá no sono[9], andei 40 minutos pra chegar, é um lugar onde as pessoas vão para pensar, pra poder... Respirar também. Aí eu sentei lá, fiquei viajando mesmo, na paisagem. Fiquei perdido, encantado.

Ao ser questionado sobre a possibilidade de outras pessoas terem acesso àquela seleção de imagens, Tiago respondeu: “(...) pode ser, eu acho legal, né? Porque, é minha exposição, né? Meu olhar para a fotografia, as pessoas podem ver. É maneiro”.

Essa fala e outros momentos deixaram claro como foi importante a impressão das fotos em papel, o que fez com que a entrevista se desse em um contexto mais calmo e atenciosos para com as imagens. Também a impressão em papel causou um impacto no entrevistado, que se sentiu reconhecido e valorizado por ter suas fotos naquele formato.

---

[8] O termo “curtida” se refere ao número de pessoas que clicou no botão “curtir” referente à essa imagem quando Tiago a postou na rede social *facebook*.

[9] A Praia do Sono fica próxima à zona urbana de Paraty. Não é possível chegar de carro até lá, apenas a pé.

4.1.3.1 A Paraty de Tiago Alvarenga - fotos de 25 a 36

25)

26)

27)

28)

29)

30)

31)

32)

33)

34)

35)

36)

4.1.4 Cauã da Cruz

Cauã da Cruz nos foi apresentado por Tiago Alvarenga, também participante dessa pesquisa, que já o introduziu como sendo um amigo “muito bom em fotografia”. As fotos de Cauã da Cruz combinam a familiaridade em relação aos recursos tecnológicos da máquina com um conhecimento profundo sobre a realidade social de Paraty. Por conta disso, cada foto foi permeada de significados, desde homenagens até denúncias sociais.

Por exemplo, quando o entrevistado discorria sobre uma foto que retratava um grupo de índios, ele disse:

> Aí é uma crítica, porque a praia também é deles. Eles podem olhar lá pra frente, pra onde eles quiserem. E aqui em Paraty é muito, eles são muito rejeitados, assim. Tão ficando muito urbanizados por isso, por a gente não tá alimentando a raiz deles. Aí eu quis... Pelo menos em retrato eu consigo explicar isso.

Além de críticas sociais, o entrevistado trouxe imagens de seu acervo pessoal que retratavam sua família, seus “antepassados”, como ele mesmo disse. Também apresentou imagens que brincam com a ilusão de ótica produzida pelo reflexo da cheia na cidade.

O cuidado de Cauã da Cruz ao enquadrar a imagem da fotografia se fez claro desde o envio das fotografias, sendo abordado a certo ponto da entrevista. Acerca desse cuidado, o participante falou:

> Eu acho que é um olhar do olho! Por exemplo, assim, quando você olha algum lugar, por exemplo a natureza, você olha, as coisas se fundem, né? Porque é tudo verde! Mas só que se você olhar com carinho, você consegue enquadrar alguns lugares aqui, assim. Aqui você poderia olhar e ia se fundir mesmo. Mas aqui eu consegui olhar com carinho, de poder separar as coisas, de enquadrar o céu, tal, a lua. Acho que eu achei um encaixe, assim.

Ao fazer uso de termos como “encaixe” ou “olhar com carinho”, o participante revela um conhecimento técnico/intuitivo relacionado à fotografia; uma sensibilidade do olhar, que cria através da foto.

E, no momento em que essa criação é reconhecida e valorizada, o criador vê um processo e um resultado, que o leva a criar mais. Para ilustrar isso, segue o trecho final da entrevista com Cauã da Cruz:

E: bom, é um resumo, né? Na verdade. Porque eu acho que todas as minhas fotografias falam um pouco de Paraty.

P: com certeza.

E: mas eu gostei de, pô, achei legal chegar aqui e ela tá nas suas mãos, assim, eu poder ver e conversar com você.

P: de estar impressa?

E: é, e conversar sobre. Eu achei interessante.

P: é? Porque, hein...?

E: porque é igual a um desabafo, né? Não é todo dia que você tá falando sobre a sua fotografia. E quando alguém pergunta, é uma consideração enorme que a pessoa sente por você. Pra mim, é assim.

P: que massa...

E: e só anima, porque, começa... "ah, não... tô com vontade de fotografar" é uma loucura, tô com uma vontade enorme!

4.1.4.1 A Paraty de Cauã Cruz - fotos de 37 a 48

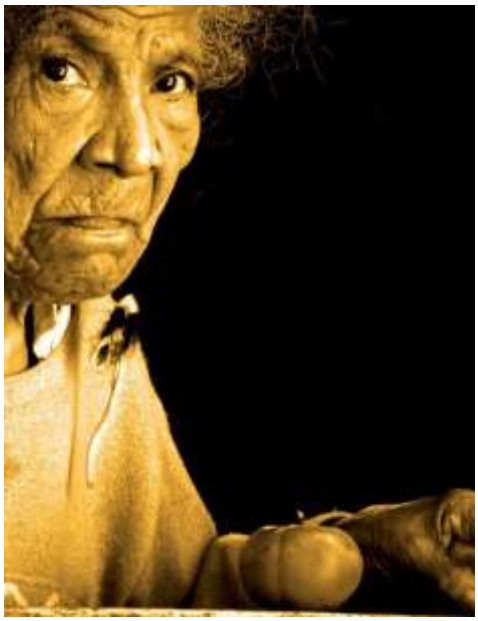
37)

38)

39)

40)

41)



42)

43)

44)

45)

46)

47)

48)

4.1.5 Raphael Vilamiu

Conhecemos o Raphael Vilamiu na Casa de Cultura de Paraty. Quem nos apresentou ele foi Sol Pedernera, outra participante da pesquisa, cujas fotos são apresentadas mais à frente.

Imigrante, Raphael é um paulista que se mudou para Paraty há 6 meses e atualmente é professor universitário em Angra dos Reis, um município próximo. Aos 35 anos de idade, é apaixonado por mergulho e nos deu uma pequena aula sobre o tema, além de representar a atividade em suas fotografias. Outras atividades também foram representadas, como a aula de tecido (modalidade circense) que algumas amigas frequentam, *shows* no centro histórico, almoços na casa de amigos, entre outros.

O participante trouxe algumas fotos de seu acervo pessoal, mas também trouxe fotos criadas para o exercício da pesquisa, uma vez que se declara uma pessoa que fotografa muito pouco. A seguinte fala foi feita por Raphael a respeito da experiência de fotografar para esse trabalho:

> Ah, legal, assim, eu achei interessante. Nunca tinha tido uma motivação, eu gravo na memória e pronto. Mas é interessante quando você registra, né? Você tem uma perspectiva diferente.

Essa perspectiva diferente compôs a seleção de Raphael, que inclui seu espaço de trabalho, amigos, *hobbies*, e outros temas. Mas a entrevista foi permeada pela declaração do entrevistado de que este não tira muitas fotos. Uma das justificativas é a própria beleza da cidade de Paraty:

> (...) é, mas... Sei lá porque eu tirei (uma foto), porque normalmente eu não tiro foto de coisa nenhuma. Mas aqui, assim, se você for tirar foto de tudo bonito que aparece na frente você vai tirar dez fotos por dia e vai ficar só tirando foto... Todo dia tem cenário bonito. Aqui não tem cenário feio. Se tá chovendo tá bonito, se tá nublado tá bonito, se tem sol, tá bonito...

4.1.5.1 A Paraty de Raphael Vilamiu - fotos de 49 a 60

49)

50)

51)

52)

53)

54)

55)

56)

57)

58)

59)

60)

4.1.6 Gonzalo Trama

Imigrante, Gonzalo Trama vive na cidade há mais de 3 anos. Nascido na Argentina, já era amigo da pesquisadora desde 2013, quando esta fez viagens como turista à cidade de Paraty. Aos 35 anos de idade, é guia turístico e vive com a namorada; os dois se conheceram em Paraty, apesar de ambos serem nascidos em Buenos Aires.

Logo ao início da entrevista, Gonzalo disse que grande parte de suas fotos diziam respeito aos seus primeiros meses morando na cidade e, como foi se apaixonando por esta, finalmente decidiu criar raízes ali. As imagens de sua casa, de suas plantas crescendo, de sua cadela Léa, tudo isso representa a chegada do participante ao município de Paraty como morador.

Há uma imagem de uma joaninha que foi clicada por Gonzalo com a intensão de representar sua escolha em trabalhar na cidade:

> Foi como um recordar, como sentir o cheiro de uma coisa do passado que te lembra "isso foi igual" só que não era um cheiro, era uma sensação. (Tirei a foto) para, não sei, para lembrar. Uma lembrança. Não é só da foto, é do momento. E a decisão também...

É a foto como linguagem, com significado social (ANDRIOLO, 2012) e criada para guardar uma memória específica. (ARAÚJO; MAHFOUD, 2002). Trata-se da possibilidade de criar uma imagem para guardar uma lembrança, seja essa lembrança uma sensação, um evento ou uma pessoa. No caso do participante Gonzalo, a foto da joaninha (foto número 61, p. 48) serviu de registro de uma decisão do entrevistado, a decisão de fixar moradia na cidade de Paraty.

4.1.6.1 A Paraty de Gonzalo Trama - fotos de 61 a 72

61)

62)

63)

64)

65)

66)

67)

68)

69)

70)

71)

72)

4.1.7 Fernando Triaca

Conhecemos o Fernando durante um *show* de uma banda de forró na cidade. Ele e a esposa, Lia Lordelo, logo aceitaram fazer parte do grupo de participantes e se comprometeram a enviar, assim que possível, as 12 fotografias. Uma vez enviadas, realizamos as entrevistas na casa deles, espaço muito agradável que é representado nas fotos de ambos.

Natural de Foz do Iguaçu, Fernando tem 49 anos de idade. Teve diversos trabalhos em Paraty desde que se mudou para a cidade, há 23 anos. Atualmente, tem um renomado restaurante no centro histórico.

Dentre as imagens trazidas por Fernando estavam representados seu restaurante, sua família, seus passeios favoritos, entre outros. O prazer em receber e cuidar dos outros foi relacionado às diversas imagens, sendo uma característica marcante da vida do entrevistado, segundo ele próprio.

A escolha em viver na cidade é quase uma bandeira de Fernando:

> Eu publico muito (minhas fotos). Ultimamente eu não tenho publicado, mas eu publico muito muito, no *facebook*, que é o único caminho que eu tenho, assim, né? Não vou publicar em jornal e revista, mas eu publico muito, assim, publico muito as fotos, eu gosto que as pessoas vejam, é. Gosto (...) de tentar acordar eles (meus amigos), falar "pô, aí, meu, sai dessa porcaria de São Paulo, meu. Vai pra algum lugar tentar viver a vida", por que a vida é uma só, entendeu? Você tá, por mais legal que seja, sabe, você ter um projeto numa cidade grande, mas eu acho que, por mais bacana que seja o projeto, no fundo, no fundo, não compensa.

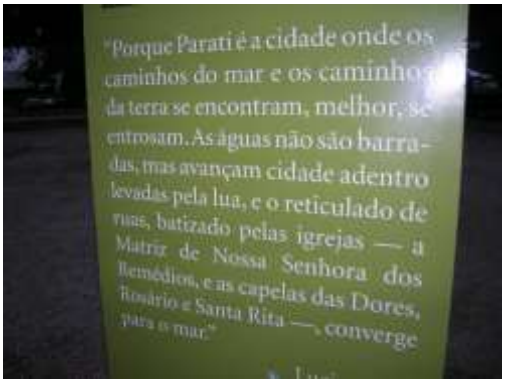
Fernando nos contou como foi sua decisão de se mudar para a cidade, quando se demitiu do trabalho que tinha em Brasília e construiu todo um novo modo de vida em Paraty. É bonito ver seu amor pela cidade.

4.1.7.1 A Paraty de Fernando Triaca - fotos de 73 a 84

73)

74)

75)



76)

77)

78)

79)

80)

81)

82)

83)

84)

4.1.8 Lia Lordelo

Moradora de Paraty há um ano e meio, Lia nasceu na cidade de São Paulo. Aos 34 anos de idade, está feliz com sua mudança e acaba de abrir uma loja de artesanato no centro histórico.

Ela e Fernando moram juntos em uma casa pela qual passa um rio que foi retratado por ambos. Também têm uma criação de galinhas:

> Na verdade, as galinhas, elas me encantaram, porque a minha infância foi marcada, sabe? Com porco, com galinha... Eu morei no interior de São Paulo, então eu tive muito contato com bicho... Só que eu tava há muito tempo morando em cidade, sem contato algum com bicho. Então a hora que eu tive esse contato com as galinhas, as galinhas aqui, vindo comer, ali na porta... Eu fiquei alucinada... Sabe?

Ambos gostam muito de receber amigos em casa e foi lá, no jardim do casal, que se deu a entrevista com Lia. Logo depois da conversa, a pesquisadora foi convidada a comer um pão francês com ovos cozidos. Ovos das galinhas do quintal. Tudo aconteceu em um ambiente extremamente agradável e a entrevistada demonstrou um carinho enorme pela cidade.

Em suas imagens representou sua casa, amigos, lugares que gosta de visitar e suas galinhas.

4.1.8.1 A Paraty de Lia Lordelo - fotos de 85 a 96

85)

86)

87)

88)

89)

90)

91)

92)

93)

94)

95)

96)

4.1.9 Pedro

Pedro (nome fictício), 33 anos de idade, mudou-se para Paraty há um ano e 3 meses com seus dois filhos. A pedido do entrevistado, seu nome foi alterado, a fim de preservar seu anonimato.

Conhecemos Pedro através de amigos em comum. Uma vez convidado a participar da pesquisa, comprometeu-se a enviar as fotografias e, no prazo de uma semana, mandou 12 imagens clicadas para o exercício proposto. Isso fez de Pedro o único participante a não selecionar fotos de momentos anteriores ao convite para participar da pesquisa.

As imagens retratam diversos pontos da cidade. Podemos notar que a iluminação é similar em todas as fotos e que não há representação de pessoas. Os elementos retratados são praias, o centro histórico e a cheia.

Durante a entrevista, o participante nos contou que teve problemas na cidade em que morava e resolveu se mudar para Paraty: “(...) vou pra Paraty! Ficar perto do mar e perto da minha irmã, acho que é mais tranquilo. Aí foi por isso que eu vim, na verdade, porque aqui é bonito e porque tem família”.

Pedro está construindo uma casa e se adaptando à cidade. Sobre o exercício proposto, disse que fotografar foi uma experiência agradável, embora sua máquina fotográfica não fosse tão boa.

> (...) é, eu gosto de fotografar, acho tão bonito, e aqui então... Aqui, putz, é um lugar... Aquele época que enche... Agora tá chegado a época que vai encher o centro histórico, ali. Você chega ali, tá refletindo. O prédio baixo reflete na água e fica com a coisa embaixo, em cima...

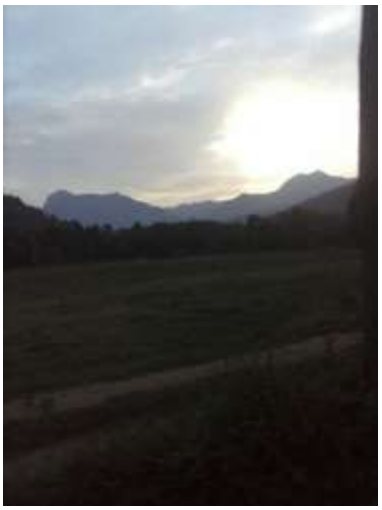
4.1.9.1 A Paraty de Pedro - fotos de 97 a 108

97)

98)

99)

100)



101)

102)

103)

104)

105)

106)

107)

108)

4.1.10 Sol Pedernera

Durante o trabalho de campo, a pesquisadora fez uma aula experimental de tecido (modalidade circense) e foi justamente ali que conheceu Sol Pedernera, uma imigrante argentina de 34 anos de idade que vive na cidade há um ano e quatro meses.

Sol nos contou que, a princípio, veio para ficar uma semana em Paraty, como turista, mas que se encantou tanto pela cidade que acabou alugando uma casa e ficando para morar. Atualmente, trabalha como professora de línguas estrangeiras na cidade pela qual é extremamente encantada.

> Sim, e essa coisa das pontes, dos barquinhos... Às vezes tem algum animal aí, uma garça... Animais que, acho essa coisa incrível da mistura da natureza com a cidade! Como essa força (...), que não dá, não deixa de aparecer, mesmo sendo na cidade, a natureza tá bem presente.

Ela se referia ao pontal - lugar entre o centro histórico e o bairro do Jabaquara - no qual se manifesta essa mistura de mar, verde e cidade.

Além de imagens que representavam essa intersecção, Sol trouxe fotografias de seu ambiente de trabalho, de sua casa e de sua família.

A participante nos contou que fazer a seleção de 12 fotos para essa pesquisa foi um exercício muito bom, mas que lhe tomou muito tempo. Diversas vezes remarcou a entrevista, pois ainda não estava satisfeita com sua seleção.

> Quando eu tava escolhendo as fotos, eu fiquei surpresa com a quantidade de fotos que eu tinha. Porque geralmente eu não tiro muitas fotos. Tiro só em alguns momentos, mas não sempre. Fiquei surpresa com a quantidade e a quantidade de momentos. E assim, de experiências, de pessoas, de... Uau! Uma coisa realmente incrível! Assim, se você quiser fazer um resumo, bom, meio que, que é difícil mas, eu senti que essas davam.

Cada imagem representava um aspecto da sua Paraty e elas foram apreciadas e descritas em uma ordem pré-definida pela própria participante.

4.1.10.1 A Paraty de Sol Pedernera – fotos de 109 a 120

109)

110)

111)

112)

113)

114)

115)

116)

117)

118)

119)

120)

4.1.11 Mariana Kuroyama

Natural de Fortaleza, Mariana vive atualmente em São Paulo e visitou Paraty como turista em diferentes momentos: “(...) eu fui duas vezes para Paraty. Mas eu fiquei tempo o suficiente pra me apaixonar. E assim, é uma cidade de cultura de praia, eu vim da praia. Então, assim, eu sinto falta...”.

O encontro com Mariana se deu há muitos anos, quando ela a pesquisadora se tornaram amigas. Quando recebeu o convite para participar da pesquisa, logo aceitou e abriu sua própria casa para a realização da entrevista. Com 32 anos de idade, contou-nos que sonha em morar entre Paraty e São Paulo por diversos motivos: a tradição que permanece na cidade, o sossego, o custo de vida mais barato e a natureza exuberante, entre outros.

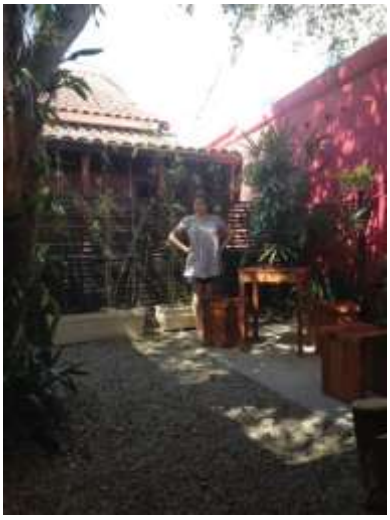
> Essa foto pra mim, é como se fosse o ápice do encontro com a natureza. Pra mim ir pra Paraty é me desligar, ir pra Paraty como um todo, isso pode tá em todas as fotos, é me desligar da questão de trabalho, das demandas, e me conectar com a essência da alma, que é a natureza. E essa pra mim, essa foto é uma, tipo o ápice, porque tem uma borboleta que pousou em mim, né? (foto 129).

Além de imagens retratando experiências junto à natureza, a participante selecionou fotografias no centro histórico e, mais especificamente, na Casa de Cultura, na qual registrou elementos gráficos de uma placa e da decoração.

Sobre a atividade de fotografar, a entrevistada julga que a grande maioria de suas fotos foi pensada em termos de construção e composição, além de muitas terem sido clicadas com a intenção de representar algo especificamente.

4.1.11.1 A Paraty de Mariana Kuroyama - fotos de 121 a 132

121)



122)

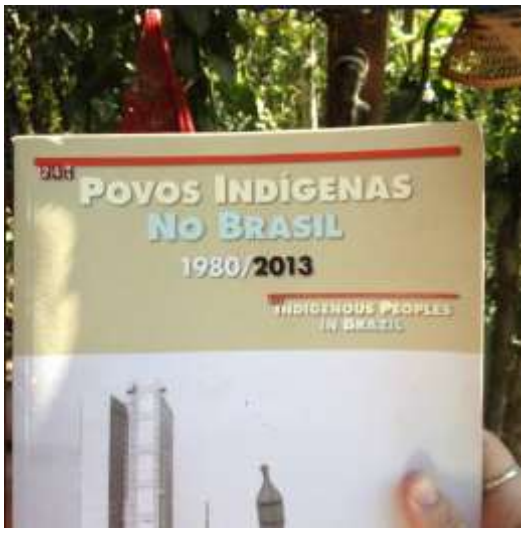
123)

124)

125)

126)

127)



128)

129)

130)

131)

132)

4.1.12 Andrea Tolaini

Turista de Paraty desde a infância, Andrea Tolaini já perdeu a conta de quantas vezes visitou a cidade. Tem 29 anos de idade e é amiga da autora desse trabalho.

Nasceu em São Paulo e é lá, no bairro do Butantã, que vive atualmente. Foi em sua casa que realizamos a entrevista.

Além de exaltar a beleza da cidade, Andrea trouxe adjetivos inusitados, como “misteriosa” e “densa”. São qualidades pouco exploradas pelos entrevistados. Também foi entre as fotos de Andrea que apareceu uma imagem fotografada pela própria pesquisadora Ligia, quando ambas fizeram juntas uma viagem à cidade, um ano antes dessa pesquisa acontecer.

Sobre o processo de fotografar, Andrea trouxe uma consciência em relação à construção da imagem, ao mesmo tempo em que atribuiu muito da arte da fotografia à natureza em si.

> É, não sei, é muito louco, né? Como algumas fotos se formam. Sei lá. Às vezes eu penso "puta, os fotógrafos roubam no jogo", porque vai e (faz mímica de tirando uma foto) "nossa, sou super artista" não, tipo... Não é né? Um artista...

Quanto da fotografia se atribui ao ambiente da foto, à tecnologia disponível e à habilidade do fotógrafo? Essa reflexão não será abordada nesse trabalho, mas nos instiga a desenvolver pesquisas futuras sobre o assunto.

Ao discorrer sobre sua última foto (número 144, p. 66), Andréa nos oferece uma imagem que, segundo ela, é representativa do Brasil.

> (...) e a roda acontecendo na beira do mar, assim. Sei lá, me lembra um pouco aquelas músicas de Recife, de ciranda, de roda, na beira do mar, dessas músicas que o Lenine canta, da Ilha de Itamaracá, e não sei que... Então me faz pensar muito na questão cultural, tipo, a roda, a dança, o mar do lado, o sol, o calor. É, as mulheres, morenas, cabelos compridos... Assim, é uma foto muito tipicamente brasileira. (...) eu vejo o Brasil nessa foto.

4.1.12.1 A Paraty de Andréa Tolaini - fotos de 133 a 144

133)

134)

135)

136)

137)

138)

139)

140)

141)

142)

143)

144)

4.2 Conjuntos multiautorais

Os conjuntos multiautorais são formados por fotografias de diversos participantes da pesquisa somadas ao olhar da pesquisadora, que se permitiu fazer a seleção e diagramação das imagens com a intensão de criar esses conjuntos.

Diz-se seleção e diagramação uma vez que, não só as fotografias escolhidas são significativas em cada um dos conjuntos multiautorais, mas também a diagramação em que são apresentadas é importante. Ou seja, o tamanho de cada fotografia e seu posicionamento em relação às outras imagens e ao espaço vazio no papel são elementos que compõem esse resultado visual.

Apenas 62 imagens do total de 144 foram selecionadas para fazer parte dos conjuntos multiautorais. As escolhidas, ora o foram por conta da linguagem estética de que fazem uso, ora em função do tema representado na imagem. Em ambos os casos, o conjunto multiautoral apresenta um diálogo que acontece entre as fotografias.

Um desses diálogos diz respeito às fotos postais, que são imagens que se assemelham a cartões postais comercializados na cidade ou são fotografias criadas para representar um momento, uma memória. É a criação desse tipo de fotografia que propõe a placa com a seguinte frase: “Não tire nada além de fotografias, não deixe nada além de pegadas e não mate nada além de tempo”. Trata-se de um apelo para que os turistas não levem elementos do local, como pedras e plantas, e não deixem resíduos, como embalagens descartadas ou objetos esquecidos. Essa postura é representante de uma cultura de turismo responsável que vem se firmando em Paraty e se revelou nas imagens apresentadas a seguir, nas quais pouco importa se a fotografia clicada é extremamente parecida com muitas outras ou se, com certeza, seria possível encontrar imagens semelhantes e de melhor qualidade na internet. Ainda assim, os participantes tiraram fotografias que fazem o papel de fotos postais, que legitimam o ato de viajar e constituem documentos que representam o registro daquela viagem ou passeio.

> A chamada motivação, em turismo, reside na produção e reprodução de documentos visuais e discursivos que fundamentam o ato de viajar, estimulando o consumo do produto turístico na percepção do objeto representado. São providos de grande conteúdo simbólico, tanto no plano do discurso quanto na produção material de retratos e fotografias. (ANDRIOLO, 2009, p. 161).

Isso é claro no conjunto de três fotos extremamente semelhantes na página 71: três participantes distintos tiraram fotografias muito parecidas, porém, ainda assim diferentes.

Também no conjunto da página 72 fica clara a representatividade do elemento das bandeirinhas dispostas no centro histórico como um elemento turístico que cumpre seu papel enquanto ponto de atração, o que levou diferentes participantes da pesquisa a fotografarem a mesma paisagem. "A eficácia de um objeto enquanto motivador turístico está na sua participação e fixação junto ao público". (ANDRIOLO, 2009, p. 161). O mesmo acontece com o próprio centro histórico da cidade de Paraty, representado em uma grande quantidade das fotos oferecidas pelos participantes. Na página 73 está uma seleção de parte dessas imagens.

Já na página 74 está retratado um elemento turístico que surge da natureza que permeia o centro histórico. É a cheia, que preenche de água as ruas da cidade e compõe um cenário retratado por diversos participantes da pesquisa.

Na página 76 está um conjunto de fotografias composto por diferentes *zooms* da natureza, que revela não só uma conversa de linguagens estéticas entre os participantes da pesquisa, mas também representa uma cultura de cuidado com os destinos turísticos naturais, pois já não se leva uma planta ou um inseto de lembrança, mas uma imagem destes.

Outro dos diálogos representados nos conjuntos multiautorais diz respeito às fotos de si mesmo, ou "*selfies*", como foram denominadas as imagens que retratam o próprio participante da pesquisa. Esse conjunto (p. 77) conversa com a maior das mudanças de percurso que aconteceu nessa pesquisa, afinal, a proposta inicial era de que os participantes selecionassem 12 fotografias de autoria própria, mas a relação com a autoria se revelou diferente da esperada e não só fotografias clicadas por terceiros foram selecionadas, como muitas delas continham a imagem do próprio entrevistado. Nesse conjunto de "*selfies*", é possível verificar diferentes versões de imagens de si mesmo, sendo algumas clicadas pelo próprio entrevistado, outras clicadas por terceiros; algumas contendo apenas a figura do entrevistado, outras contendo um grupo de amigos.

Alguns conjuntos multiautorais dizem respeito exclusivamente àqueles que habitam a cidade, ou seja, imigrantes e nativos de Paraty. É o caso do conjunto na página 78, representando os familiares dos entrevistados.

Também o conjunto que retrata os espaços de trabalho foi formado exclusivamente por imigrantes e nativos da cidade, representados nas páginas 79 e 80.

4.2.1 Referências das imagens nos conjuntos multiautorais

Na tabela abaixo estão as referências numéricas de cada foto componente dos conjuntos multiautorais. Para verificar a autoria de uma imagem, basta consultar na tabela o número correspondente à fotografia e cruzá-lo com a numeração das fotografias disponível no índice da presente dissertação, no item 4.1 (Doze conjuntos de doze fotografias).

Nome do conjunto multiautoral	**Ref. das imagens, da dir. p/ esq.**
Mata e mar	110, 74 e 85
Bandeirinhas de decoração	45, 117 e 143
Centro Histórico de Paraty	73, 23, 96, 131, 20, 45, 26, 73, 47, 30, 13, 28, 97, 117 e 101
Cheia no Centro Histórico de Paraty	38, 16, 30, 14, 13, 73 e 47
Horizontes	68,59, 141, 105, 118 e 94
Zooms da natureza	31, 7, 29, 126, 136 e 61
Imagens do próprio participante ou "*selfies*"	36, 18, 62, 72, 49, 120, 129, 54 e 112
Familiares	89, 17, 113, 80 e 84
Locais de trabalho	82, 96, 111, 56, 57, 70 e 63
Espaços de trabalho de duas mulheres paratyenses	11 e 23

4.2.2 Mata e praia

4.2.3 Bandeirinhas de decoração

4.2.4 Centro Histórico de Paraty

4.2.5 Cheia no Centro Histórico de Paraty

4.2.6 Horizontes

4.2.7 *Zooms* da natureza

4.2.8 Imagens do próprio participante

4.2.9 Familiares

4.2.10 Locais de trabalho

4.2.11 Espaços de trabalho de duas mulheres paratyenses

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos na presente pesquisa permitiram que adentrássemos lugares e contextos específicos graças à combinação das fotografias com a entrevista semiaberta. Um desses contextos foi o da criação individual e coletiva de algo permeado de significados, algo que surgiu através da coletividade dos sujeitos envolvidos nesse trabalho.

Partindo do entendimento de que o processo criativo se dá externa e internamente ao indivíduo criador, podemos dizer que os processos vividos nessa pesquisa transformaram a todos nós, pesquisadores e pesquisados. Cada sujeito entrou em contato com sua própria força criativa, o que refletiu diretamente em cada um de nós. (OSTROWER, 1987, p. 27).

Tal criação se deu através de procedimentos que incluíram imagens do acervo pessoal de fotografias de cada um dos participantes. Tais imagens foram combinadas com entrevista semiaberta, combinação esta que possibilitou o acesso a informações específicas do contexto da pesquisa. O resultado foi um recorte na narrativa das entrevistas, que aconteceram em torno das fotografias selecionadas.

E foi através de propostas que incluíram imagens de acervo pessoal que convidamos os sujeitos envolvidos à criação de uma narrativa visual fotográfica, que se formou com a colaboração de cada participante. Trata-se de um resultado de pesquisa permeado de significados, que traz dados importantes sobre a realidade social do contexto pesquisado. Parte desse resultado é individual, sendo cada sujeito criador de um conjunto de doze fotografias que representam sua Paraty (p. 30), e a outra parte desse resultado é coletiva, resultado da cocriação de cada um dos envolvidos no trabalho (p. 68).

Todo resultado do trabalho se deu através da combinação da fotografia com a narrativa, combinação esta que se deu de forma diferente da que esperávamos ao início dessa pesquisa - o que é, em si, parte dos resultados desse trabalho. Afinal, a imagem costuma ter pouco espaço no contexto de pesquisas acadêmicas, ficando o texto com o maior destaque. Porém, aqui a fotografia teve enorme importância, sendo o conjunto de fotografias a principal fonte de dados utilizada. Já as entrevistas foram transcritas, mas os textos resultantes tiveram participação secundária na elaboração dos resultados. Sim, é verdade que muito se escreveu e que o texto teve grande importância, assim como a pesquisa textual bibliográfica; mas, em se tratando de

dados do trabalho de campo, podemos afirmar que as fotografias tiveram maior importância se comparadas às entrevistas semiabertas.

Sobre as fotografias, durante o trabalho de campo, pudemos observar alguns fenômenos da relação dos participantes com essas imagens. Por exemplo, na maior parte dos casos a relação com a fotografia se deu de forma pautada pelo *facebook*, inclusive alguns entrevistados o usaram como banco de dados para a seleção das imagens. Alguns até mencionaram o número de "curtidas"[10] que a foto havia recebido como um indicativo da qualidade estética da imagem. Muitos, principalmente os mais jovens, não tinham *e-mail* e toda a comunicação virtual, inclusive o envio das fotografias para a pesquisadora, deu-se através do *facebook*.

O uso da rede social *facebook* é um demonstrativo da relação com a tecnologia de forma geral, que tende a se tornar cada vez mais acessível à sociedade. (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Quanto à fotografia especificamente, tanto pesquisadores quanto pesquisados já fazem uso de ferramentas que antes eram trabalhadas apenas em grandes empresas e todos dispõem de uma maior familiaridade com as tecnologias e linguagens fotográficas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 237). Há pouco tempo, a própria máquina fotográfica era um objeto de luxo e poucos, apenas uma elite, tinha acesso a ela. Atualmente, os celulares dispõem de câmeras de alta qualidade e uma parcela muito maior da sociedade faz uso dessa tecnologia com relativo domínio técnico. Foi essa nova realidade da fotografia que permitiu nosso trabalho de campo, sendo que nenhum participante aceitou o empréstimo de uma máquina fotográfica, apesar de oferecermos em todos os casos; tal fato se deu pois cada um deles dispunha de seus próprios recursos tecnológicos.

A acessibilidade a recursos fotográficos traz uma vivência e, consequentemente, familiaridade com a linguagem da fotografia, elemento que se evidenciou nas imagens fornecidas pelos participantes. Seja de forma consciente ou não, as fotografias selecionadas apresentavam enquadramentos e disposição de elementos construídos de forma específica, forma essa que refletiu uma experiência vivida no contexto da fotografia.

> (...) o surgimento do registro fotográfico e posterior “democratização” de máquinas fotográficas - que se tornaram acessíveis à população,

[10] As fotos disponibilizadas no *facebook* podem ser curtidas por aqueles que têm acesso a elas. A princípio, o fato de alguém curtir uma fotografia significa que a pessoa gostou daquela foto ou da imagem que ela representa.

> pelos preços módicos e pelos modelos de operação simples - possibilitou o registro fácil e rápido de momentos da vida pessoal e coletiva. Com isso, a imagem vem ocupando, atualmente, um lugar de registro dessas situações preponderante em relação aos livros de memórias, cartas ou diários. (ARAÚJO; MAHFOUD, 2002, p. 70).

Esse paralelo entre fotografias e registros de memória dialoga com o grande número de imagens que parte dos participantes trouxe; fotografias que eles mesmos julgavam ser de pouco valor estético, porém, de muito valor de memória. Por valor de memória, referimo-nos ao que a fotografia representa enquanto registro de uma experiência passada ou de algo que o participante vivia no presente. "(…) estamos constantemente recorrendo às imagens instantâneas - como as fotografias - para dar início ao processo de rememoração de fatos ou circunstâncias já vivenciadas". (ARAÚJO; MAHFOUD, 2002, p. 70). É a ação de fotografar algo para guardar a memória. Algo que antes far-se-ia escrevendo em um diário, por exemplo, mas que agora pode ser facilmente registrado em forma de imagem. Um exemplo desse uso contemporâneo da fotografia foi oferecido pelo participante Gonzalo Trama, na foto número 61 (p. 48), na qual a imagem representa, para o participante, o momento da decisão de morar em Paraty.

O espaço conquistado pela fotografia nesse trabalho se contrapõe ao reduzido espaço que foi ocupado pelas narrativas nessa dissertação. Isso porque, apesar de cuidadosamente gravadas e transcritas, as entrevistas realizadas no trabalho de campo tiveram uma menor importância em relação às fotografias, quando da elaboração dos resultados desse trabalho. Isso é parte dessa pesquisa, que conseguiu cumprir com sua proposta de dar espaço para a fotografia. Mas fato é que as entrevistas trouxeram elementos ricos e, se analisadas mais profundamente, dariam origem a reflexões interessantes. Porém, tais reflexões ficaram para um próximo trabalho, uma vez que nossa pesquisa acabou por se aprofundar nos processos de criação visual, cujo melhor entendimento era parte dos objetivos desta dissertação de mestrado (p. 22).

E ainda, por mais que as entrevistas tenham sido menos utilizadas do que esperávamos, elas foram essenciais para que os resultados chegassem à sua forma final, pois os processos vividos que nos interessam não se limitam aos que envolveram a fotografia, mas também a entrevista, desde sua realização até a transcrição e redução da mesma (p. 30): os cafés que acompanharam as conversas, o ambiente no qual as fotos foram selecionadas e tudo mais que se somou ao contexto

da pesquisa. Cada elemento faz parte do processo criativo que se deu, e seria impossível, para não dizer sem propósito algum, tentar listar cada um desses elementos ou processos.

Quanto aos processos criativos, um dos grandes objetivos dessa pesquisa foi investigar como estes permearam a atividade dos indivíduos que criaram uma representação fotográfica da cidade Paraty (p. 22). Pois bem, agora que nos deparamos com as considerações finais dessa dissertação, podemos afirmar que não só os indivíduos participantes dessa pesquisa viveram tais processos, mas todos os envolvidos na mesma, inclusive os pesquisadores. Afinal, cada um dos participantes dessa pesquisa, ao selecionar um conjunto de 12 fotografias de seu acervo pessoal para responder à pergunta “Como é a sua Paraty?”, teve que refletir, dar forma e significado a essas imagens, chegando assim, à criação desse conjunto. Isso também pode ser afirmado a respeito da elaboração dessa dissertação pela pesquisadora que, ao se propor a organizar as imagens de determinada forma, passou ela própria por um processo de criação, deu forma a algo. (OSTROWER, 1987, p. 5). Por isso, seria difícil desvincular a análise do processo vivido pela autora da análise dos processos vividos pelos participantes da pesquisa. Sendo assim, partimos do entendimento de que pesquisador e pesquisado são participantes da pesquisa e sensíveis a ela; são ativos nos processos e transformam-se uns aos outros, trocando de papéis constantemente.

> A cada novo encontro outros são sugeridos, abrindo para diversos espaços nos quais essa rede se faz presente, entrelaçando trabalho, amizade e parentesco; entrelaçando trabalho, arte e sociabilidade; entrelaçando os cinco sentidos sensoriais, capitaneados pelo olhar. (SATO, 2009, p. 224).

E assim o trabalho aconteceu, construído a partir da ação e criação de cada uma das partes, sendo os resultados aqui apresentados uma construção compartilhada entre pesquisador e pesquisado.

Diz-se pesquisador e pesquisado, uma vez que a pesquisa participante é em si uma forma de pesquisa que se dá por via de mão dupla, na qual pesquisador e pesquisado trocam de posição constantemente. “(...) optamos por denominar a relação entre pesquisador e pesquisado como um processo de convivência entre pessoas”. (SATO, 2009, p. 218). E foi através dessa convivência que realizamos

nossa pesquisa e transformamos a nós mesmos através de cada uma das trocas e encontros que se deram durante nosso trabalho.

Mas uma coisa é certa: os processos criativos vividos são muito mais abrangentes do que imaginamos no início desse trabalho. Partindo do conceito de criatividade que foi adotado (p. 17), os processos criativos são aqueles que envolvem a capacidade humana de dar forma a algo, de combinar diferentes elementos entre si e, a partir de uma experiência genuína (ARANHA, 2008), deixar o novo surgir.

Alguns fenômenos que se revelaram através desse trabalho dizem respeito exclusivamente àqueles participantes que habitam a cidade: nativos e imigrantes de Paraty. Esses fenômenos se evidenciaram por diversos caminhos, tanto nas fotografias quanto nas narrativas oferecidas por cada um dos participantes. Na tentativa de desenvolver algo sobre tais diferenças através da linguagem visual, demos forma aos conjuntos multiautorais específicos de nativos e imigrantes de Paraty (p. 79), conjuntos estes que dizem respeito aos temas “familiares” e “espaços de trabalho”. Outro tema específico desse grupo foi o “espaço de morada”, que acabou não resultando em um conjunto multiautoral, embora tenha sido trazido por nativos e imigrantes da cidade.

Esses três temas fotografados exclusivamente por nativos e imigrantes levam à percepção de que cada perfil de participante da pesquisa tem uma relação com Paraty, cujas diferenças podem ser analisadas a partir das noções de tempo e espaço (ANDRIOLO, 2009, p. 165) vinculadas à cidade. Acerca da noção de tempo, os nativos de Paraty trouxeram imagens fotografadas em intervalo de anos, enquanto os turistas trabalharam com fotografias tiradas em um curto período de visita à cidade. Já sobre a noção de espaço, ficou clara a diferente percepção acerca do território de Paraty entre os participantes da pesquisa, o que se evidenciou também nas narrativas oferecidas, as quais eram mais diversificadas em relação aos termos utilizados pelos turistas. Ou seja, a nomenclatura para se referir a diferentes pontos da cidade foi diferente, assim como a geografia compreendida do município. Por exemplo, enquanto o turista entende por Paraty o centro histórico e algumas praias próximas, fazendo uso dos termos “praia” e “Centro Histórico” para se referir a esses locais, o imigrante enxerga os arredores da cidade e alguns pontos turísticos mais afastados da zona urbana, como a Pedra da Macela (uma montanha - na qual é possível subir por meio de uma caminhada - que se localiza na divisa com a cidade de Cunha), o Jabaquara, o Pontal e o Corisco (bairros da cidade). E ainda, quando nativos e

imigrantes trouxeram imagens do Centro Histórico, muitas vezes especificaram o lugar fotografado através do nome da rua ou da Igreja retratada.

Essas diferentes percepções acerca dos territórios de Paraty representam um dos caminhos que ficaram em aberto nessa pesquisa. Um desenvolvimento possível seria o levantamento das terminologias usadas pelos participantes nas entrevistas para designar os espaços de Paraty e a discussão a respeito dos diferentes territórios aí representados (HAESBAERT, 2008), para assim alcançarmos um melhor entendimento das diferentes percepções acerca dos espaços e cartografias da cidade. Mas houve um momento em que nos deparamos com a necessidade de definir um recorte de pesquisa e optamos não seguir por esse caminho.

Além desse supracitado, há muitos outros caminhos pelos quais poderíamos ter seguido. O que apresentamos aqui são reflexões geradas a partir do que fizemos, apesar de que muitas delas nos pareceram pontos de partida para outros trabalhos. A sensação é de que haveria muito por fazer a partir do material de campo coletado e do que chamamos de considerações finais. Sendo assim, deixamos aqui nosso atual ponto de chegada, mesmo que ele possa vir a ser o ponto de partida em algum momento futuro.

6 BIBLIOGRAFIA

ANDRIOLO, Arley. A pintura em Paraty: historicidade das categorias da experiência estética. In: RIBEIRO, Sandra P.; ARAÚJO, Alberto Filipe. (Org.). *Paisagem, Imaginário e Narratividade*: olhares transdisciplinares e novas interrogações da Psicologia Social*.* 1 ed. São Paulo: Zagodoni, 2015, v. 1, p. 115-135.

_____. Entre a ruína e a obra de arte: psicossociologia da percepção da cidade histórica turística*. Estudos de Psicologia*. Natal/RN, 14(2), maio-agosto, 2009, p. 159-166. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 08 out. 2014.

_____. O mundo das imagens em questão: experiência estética na vida social. *Resumo VI Congresso Interno do Instituto de Psicologia da USP*, São Paulo: Biblioteca do IP/USP, 2012. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/congresso/images/stories/congresso/arquivos/ArleyAndriolo.pdf>. Acesso em: 17 out. 2014.

ARANHA, C. S. G. *Exercícios do Olhar.* Conhecimento e Visualidade. 1. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora UNESP / Funarte, 2008, 112 p.

ARAÚJO, R. A.; MAHFOUD, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum*, 68-102. Disponível em < http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo07.pdf>. Acesso em: 08 out. 2014.

AZEVEDO, André. *Paraty*. 3ed. São Paulo: Editora 50mm, 2010, 128 p.

BARROS, José D'Assunção. *Sobre a feitura da micro-história*. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

BERLEANT, A. The aesthetics of art and nature. In: KELMAN, S.; GASKELL, I. (Eds.). *Landscape, natural beauty and the arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 229-243.

_____. *The Aesthetics of Environment*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

BOSCO, Adriana Perassi. *Entre a essência e a construção*: experiências cotidianas do feminismo a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistanas. 240 f. Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. 1 edição. São Paulo: Ateliê, 2003.

CANDIOTO, Marcela Ferraz. *Imagem e motivação turística da demanda de alta temporada em Paraty-RJ*. Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicação e Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

GINZBURG, Carlo. *Chaves do mistério*: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GONÇALVES Filho, J. M. (2007). Humilhação Social: Humilhação Política. In: SOUZA, Beatriz de Paula (Org.). *Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 187-222.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro; COSTA, Benhur; PIRES, Cláudia; UEDA, Vanda. (Org.). *A emergência da multiterritorialidade*: a ressignificação da relação do humano com o espaço. 1ed. Canoas e Porto Alegre: Editora da ULBRA e Editora da UFRGS, 2008. V. 1, p. 19-36.

IDE, D. S. *Perambulações no bairro da Liberdade*: passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

LANGDRIDGE, Darren. *Phenomenological Psychology*. Edinburgh: Pearson Education Limited, 2007.

MARCHI, S. *A Arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano*. 100f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

MARQUES, Paula; TITTONI, Jaqueline; AXT, Margarete. Experimentações fotográficas: o tempo como tema-dispositivo na pesquisa com imagens. In: *Informática na Educação*: teoria & prática. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: _____. *Textos escolhidos.* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. 152 p.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Silvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. In: *Estudos de Psicologia*, v.7, n. 2, p. 237-250. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 6 ed. Petrópolis: Vozes. 1987.

SATO, Leny. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, 2009, v. 12, n. 2, 217-225.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades turísticas*: identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUZA, M. M. *Paraty, a Cidade e as Festas*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

TITTONI, J.; TANIKADO, G. V. F.; OLIVEIRA, R. G.; SILVA, Paula Marques. A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. *Informática na Educação* (impresso), v. 13, p. 59-66, 2010.

_____. O fotografar, a poética e os detalhes. In: TITTONI, Jaqueline; ZANELLA, Andrea. (Org.). *Imagens no pesquisar: experimentações*. 1ed. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, p. 125-146.

ZANELLA, A. V. Fotografia e pesquisa em psicologia: retratos de alguns (des)encontros. In: ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline. (Org.). *Imagens no Pesquisar*: experimentações. 1ed. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, v. 1, p. 15-35.

_____. Psicologia social, arte e política: breves incursões pelas trilhas da Abrapso. In: MEDRADO, Benedito; GALINDO, Wedna. (Org.). *Psicologia social e seus movimentos*: 30 anos de ABRAPSO. 1ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011, v. 1, p. 53-71.

7 ANEXOS

7.1 Ficha catalográfica

Nome:	
Nativo__ Imigrante__ Turista__	
Data de nascimento:	Idade:
Escolaridade:	Local de nascimento:
Estado civil ou conjugal:	Gênero:
Cor da pele:	Religião:
Profissão:	
Tel. Contato:	
Endereço eletrônico:	

7.2 Roteiro de Entrevista

Tópicos a serem abordados na entrevista, buscando dar um fio lógico para a conversa. Assuntos que não constam nesses tópicos também podem ser tema da conversa. A ordem dos tópicos não precisa ser seguida.

- **Breve biografia pessoal**
  - Nome, idade, profissão
  - Mora em Paraty ou é turista?

- **Apreciação das fotos**
  - Olhar uma por uma, deixando o entrevistado significar cada uma delas
  - Desvelar narrativas relacionadas a cada uma das imagens

- **O processo de criar arte**
  - Como foi o processo de fotografar? Como se sentiu?
  - Se preocupou com a estética da imagem?
  - Tem vontade de mostrar suas fotos?
  - Dar espaço para o participante contar sua experiência

- **A relação entre indivíduo e cidade**
  - Como descreve a cidade de Paraty?
  - Porque escolheu esses lugares para fotografar?
  - Como se sente na cidade e em relação aos outros grupos sociais ali presentes?

7.3 Consentimento informado para participar da pesquisa - com anonimato

Entendo que Ligia Ungaretti Jesus, pesquisadora no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com orientação do Prof. Dr. Arley Andriolo, está desenvolvendo a pesquisa intitulada “Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade”.

Eu farei uma série de fotos da cidade de Paraty, das quais selecionarei 12. Eu enviarei essas fotos para a pesquisadora Ligia Ungaretti Jesus, que vai imprimir as fotos. Em seguida, Ligia irá me entrevistar. A entrevista terá aproximadamente 40 minutos de duração. Esta entrevista será realizada em local adequado a ambos. As entrevistas serão gravadas e transcritas.

Eu sei que a participação neste estudo é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de me recusar a participar ou desistir em qualquer ponto deste estudo.

Meu nome e minhas informações não serão divulgados, sendo de uso exclusivo da pesquisadora. Meu anonimato será garantido durante toda a pesquisa e em publicações futuras.

Se eu tiver alguma questão ou comentário sobre a participação neste estudo, eu posso falar com Ligia Ungaretti Jesus pelo e-mail ligia.jesus@usp.br ou pelo telefone (11)3091-4361. Posso também falar com o Comitê de Ética da USP. O endereço é:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - IPUSP
Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27
CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP
Telefone: (11) 3091-4182

_____

Pesquisador Executor
Ligia Ungaretti Jesus
Aluna de Pós-Graduação
Instituto de Psicologia da USP

Consentimento de participação da pessoa na pesquisa

Eu,_____, abaixo assinado, concordo com os termos acima e autorizo o uso de minhas entrevistas e das fotografias feitas por mim nas publicações decorrentes dessa pesquisa.

Local e data: _____

_____

Assinatura do Participante

7.4 Consentimento informado para participar da pesquisa - sem anonimato

Entendo que Ligia Ungaretti Jesus, pesquisadora no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com orientação do Prof. Dr. Arley Andriolo, está desenvolvendo a pesquisa intitulada “Uma pesquisa visual e compartilhada de Paraty: fotografias e narrativas de representação da cidade”.

Eu farei uma série de fotos da cidade de Paraty, das quais selecionarei 12. Eu enviarei essas fotos para a pesquisadora Ligia Ungaretti Jesus, que vai imprimir as fotos. Em seguida, Ligia irá me entrevistar. A entrevista terá aproximadamente 40 minutos de duração. Esta entrevista será realizada em local adequado a ambos. As entrevistas serão gravadas e transcritas.

Eu sei que a participação neste estudo é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de me recusar a participar ou desistir em qualquer ponto deste estudo.

Autorizo o uso de meu nome associado às minhas fotografias e entrevista em publicações futuras. Minhas outras informações (endereço, telefone, etc.) serão mantidas em sigilo, sendo de uso exclusivo da pesquisadora.

Se eu tiver alguma questão ou comentário sobre a participação neste estudo, eu posso falar com Ligia Ungaretti Jesus pelo e-mail ligia.jesus@usp.br ou pelo telefone (11)3091-4361. Posso também falar com o Comitê de Ética da USP. O endereço é:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - IPUSP
Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27
CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP
Telefone: (11) 3091-4182

_____

Pesquisador Executor
Ligia Ungaretti Jesus
Aluna de Pós-Graduação
Instituto de Psicologia da USP

Consentimento de participação da pessoa na pesquisa

Eu, _____, abaixo assinado, concordo com os termos acima e autorizo o uso de minhas entrevistas e das fotografias feitas por mim nas publicações decorrentes dessa pesquisa.

Local e data: _____

_____

Assinatura do Participante